

UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO
MOVIMENTO HUMANO

Corrida de Rua: Uma prática democrática

Letícia Fernanda Feitosa Masson

2016

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
LETÍCIA FERNANDA FEITOSA MASSON

CORRIDA DE RUA: UMA PRÁTICA
DEMOCRÁTICA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, da Universidade Metodista de Piracicaba, para obtenção do título de Mestre em Ciência do Movimento Humano.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª.Cinthia Lopes da Silva

PIRACICABA
2016

Ficha Catalográfica elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNIMEP
Bibliotecária: Marjory Harumi Barbosa Hito CRB-8/9128

M419c	Masson, Leticia Fernanda Feitosa Corrida de rua : uma prática democrática / Leticia Fernanda Feitosa Masson. – 2016. 104 f. : il. ; 30 cm. Orientadora: Profa. Dra. Cinthia Lopes da Silva. Dissertação (mestrado) – Universidade Metodista de Piracicaba, Ciências do Movimento Humano, Piracicaba, 2016. 1. Atividade Física – Corridas. 2. Cultura Popular - Corridas. 3. Corridas - Ruas e Avenidas. I. Silva, Cinthia Lopes da. II. Título. CDU – 796.422
-------	--

LETÍCIA FERNANDA FEITOSA MASSON

Corrida de Rua: Uma prática democrática

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, da Universidade Metodista de Piracicaba, para obtenção do título de Mestre em Ciência do Movimento Humano.

DATA DE APROVAÇÃO

____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Cinthia Lopes da Silva (Orientadora)
UNIMEP – Piracicaba/SP

Profa. Dra. Ana Carolina Capellini Rigoni
UNIMEP – Piracicaba/SP

Profa. Dra. Milena Avelaneda Origuela
UNIFIEO- São Paulo /SP

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha querida avó Júlia, pelo incentivo e apoio em minhas escolhas e decisões. Sobretudo, por ter possibilitado a realização deste sonho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por sempre estar ao meu lado e me conceder sabedoria nas escolhas dos melhores caminhos.

À minha mãezinha querida Cristiane, por todo seu amor e carinho dedicados, e por ter me ensinado os principais valores da vida: o amor, o respeito, a honestidade e a humildade.

Ao meu pai Sérgio, por todo carinho e atenção dedicados.

A uma pessoa em especial, que faz a diferença em meus dias e que me apresentou a melhor forma de amar. Agradeço por suas palavras de calma nos meus momentos de cansaço e desespero e por todo amor dedicado.

Aos meus lindos *dogs* Yuri e Lis, pelo companheirismo e momentos de descontração.

A minha bisá querida “mãezinha” (*in memorian*) com todo amor e saudade.

À minha amiga Mayara, por ter sido a incentivadora para eu cursar o mestrado, pelo conhecimento e contribuição com esta pesquisa.

À minha querida professora e orientadora, Prof^ª. Dr^ª. Cinthia, pela atenção, pelo apreço, pelas contribuições no meu processo da vida acadêmica e em minha formação docente. Pessoa por quem tenho um imenso carinho e admiração.

À Prof^ª Dr^ª. Milena Avelaneda Origuela, pela prontidão de sempre, com que contribuiu desde o início do meu processo de pós-graduação, pelas dicas e contribuições neste trabalho.

À Prof^ª Dr^ª. Ana Carolina Capellini Rigoni, por aceitar o convite, pela leitura cuidadosa e pelas ótimas contribuições.

Aos professores e colegas com quem tive oportunidade de conviver no mestrado.

RESUMO

Este estudo teve como objetivos: 1) analisar os significados da corrida de rua para os corredores da Represa Municipal da cidade de São José do Rio Preto/SP e 2) identificar e analisar a corrida de rua como uma manifestação cultural urbana e de lazer. Os corredores recebem as influências do meio em que vivem e produzem um conjunto de significados que são atribuídos a corrida de rua. O tipo de relação que esses sujeitos estabelecem com outros corredores, com o meio em que vivem e a compreensão que possuem das informações que circulam na sociedade atual sobre a corrida de rua e o modo de vida urbano, são determinantes para a construção do conjunto de significados que os corredores atribuem à tal prática. Assim, quais são os significados atribuídos à corrida de rua pelos corredores da Represa Municipal da cidade de São José do Rio Preto/SP? Quais as contribuições do referencial cultural e de lazer para a compreensão da corrida de rua? O presente estudo configura-se como uma pesquisa qualitativa. Como procedimentos metodológicos foi realizada a pesquisa bibliográfica e de campo. O levantamento bibliográfico foi realizado baseado nas obras de autores da Antropologia, Sociologia, do Lazer e da Educação Física, que se centram em um referencial sociocultural. Realizamos a pesquisa de campo com 40 corredores, todos acima de 18 anos de idade e frequentadores da Represa Municipal de São José do Rio Preto/SP. Na pesquisa de campo realizamos a observação participante na Represa, em dias de treinos e em eventos de corrida de rua. Além das observações, contatamos alguns corredores da Represa Municipal de São José do Rio Preto, por meio de questionários e entrevistas semiestruturadas para identificarmos quais os significados que esses corredores atribuem à corrida de rua. Fizemos a observação durante dois meses, na Represa, em dias alternados, e participamos de dois eventos de corrida. Após o levantamento bibliográfico e a realização das observações e entrevistas, concluímos que os significados atribuídos à corrida de rua, envolvem, explicitamente, o interesse social do lazer, isso se justifica pela questão da sociabilidade dos grupos de corrida, das redes sociais e das trocas de experiências que os corredores encontram em tal prática. Para os corredores, a corrida não é mera mercadoria a ser consumida, mas uma vivência que agrega valores sociais revolucionários, que promove o desenvolvimento pessoal e social e rompe com as barreiras sociais do lazer. Com as observações e entrevistas, foi possível compreendermos que a corrida de rua é uma prática democrática. Desta forma, este trabalho poderá contribuir para novos estudos nos campos do Lazer e da Educação Física, no sentido de favorecer o desenvolvimento de ações relacionadas à educação para e pelo lazer.

Palavras – Chave: Atividades de Lazer; Cultura; Corrida.

ABSTRACT

This study aims to: 1) analyze the street race meanings for runners of São José do Rio Preto Municipal Park. 2) Identify and analyze the street race as an urban leisure and cultural event. Runners receive the influences of the environment in which they live and produce a set of meanings that are attributed to street racing. The kind of relationship that these individuals have with other runners, with the environment in which they live and understanding that have the information that circulate in society today on the road race and the urban way of life, are crucial to the construction of the set of meaning that runners attach to this practice. So what are the meanings attributed to street racing through the halls of the Municipal Dam of São José do Rio Preto / SP? What are the contributions of cultural reference and leisure for understanding the road race? This study appears as a qualitative research. As methodological procedure was performed the literature, corresponding to the works of authors of Anthropology, Sociology, Recreation and Physical Education, focusing on a sociocultural framework. We conducted the field research with 40 runners, all over 18 years old and goes Sao Jose do Rio Preto Municipal Park. As methodological procedures was carried out bibliographic and field research. In the field research conducted participant observation in the park on practice days and street race events. In addition to the observations, we contacted some runners of Sao Jose do Rio Preto Municipal Park through questionnaires and semi-structured interviews to identify the meanings that these runners attach to street race. We made the observation for two months every other day in the park and participate in two race events. After the literature and conducting observations and interviews, we concluded that the meanings attributed to street race involve, explicitly, social interest of leisure, this is justified by the issue of sociability of running groups, social networking and exchanges of experiences that runners have in the practice. Regarding the question of consumption of sports accessories used by runners, we notice that the runners have shown that the values attributed to street race, beyond the simple fact of consuming these products. For runners, the race is not widespread as a mere commodity to be consumed, but as an experience that combines revolutionary social values that promotes personal and social development and breaks with social barriers of leisure. With observations and interviews it was possible to understand that street race is a democratic practice. Thus, this work could contribute to further studies in the fields of Leisure and Physical Education, to favor the development of actions related to education for and by leisure.

Key - words: Leisure Actividades; Culture; Running.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO	16
2.1 A Represa	17
3 LAZER E CULTURA	28
4 AS CORRIDAS DE RUA COMO PRÁTICA CULTURAL URBANA	52
5 A CORRIDA DE RUA E OS CONTEÚDOS DO LAZER NA ATUALIDADE.....	72
6 O CAMPO NA REPRESA: OS SIGNIFICADOS DA CORRIDA DE RUA PARA OS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	100

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Represa Municipal de São José do Rio Preto – Lago I	18
Figura 2 -	Passarela e capivaras – Lago II	19
Figura 3 -	Avião Impala AT- 26ª – Lago II	19
Figura 4 -	Pista de corria e caminhada – Lago II.....	20
Figura 5-	Pista de corrida/caminhada e ciclovia – Lago III.....	20
Figura 6 -	Revistas dirigidas aos corredores.....	32
Figura 7 -	Propagandas de diferentes modelos de amortecimento	47
Figura 8 -	Corrida de São Silvestre em1925.....	53
Figura 9 -	Corrida de São Silvestre em 2015	54
Figura 10 -	Lago II – Represa Municipal de São José do Rio Preto	56
Figura 11 -	Acessórios de corrida de rua	62
Figura 12 -	Grupo de rrida.....	86
Figura 13 -	Evento de Corrida de Rua – Lago III	92
Figura 14 -	Assessorias Esportivas- Lago III	94

1 INTRODUÇÃO

Na atual sociedade, a corrida de rua¹ tem demonstrado ser um fenômeno sociocultural. Isto pode ser percebido por meio de um crescimento significativo do número de corredores e de eventos destinados à tal prática, que envolve diferentes grupos sociais que se relacionam. Na tentativa de interpretarmos os significados da corrida de rua para os frequentadores da Represa Municipal de São José do Rio Preto/SP², procuramos evidenciar a diversidade entre os grupos e discutir a corrida de rua como uma manifestação cultural urbana.

Para analisarmos o que contribui para o aumento do número de corredores, partimos de um referencial sociocultural. É possível apontar a corrida de rua como uma das formas de manifestação cultural na sociedade contemporânea. É fundamental entendermos o sentido de cultura a que nos referimos, e para isso, nos apoiamos em Clifford Geertz (1989), que ressalta a cultura como essencialmente semiótica, acreditando que estamos amarrados a uma teia de significados que nós mesmos tecemos. Segundo o autor, essas teias de significados partem da ciência dos signos e são um meio para estudar todos os fenômenos culturais, já que apontam para um conjunto de mecanismos simbólicos que controlam o comportamento humano.

Ao observarmos a corrida de rua, podemos constatar o quanto esta prática faz parte da cultura dos corredores. A ideia inicial desta pesquisa surgiu a

¹ **A corrida de rua é uma prática que possui significados e valores para seus praticantes.** Referimo-nos à corrida de rua, mas estamos falando da corrida em um equipamento público de lazer que é a Represa Municipal de São José do Rio Preto/SP.

² A Represa Municipal de São José do Rio Preto/SP está situada no interior de São Paulo, a 500km da capital. É considerada como um dos principais espaços públicos de lazer da cidade. A mesma é composta por três lagos, mas o público que nos interessa são os corredores do lago II e lago III. Tal escolha deu-se devido a esses espaços terem pistas de corrida, facilitando, assim, o encontro do público alvo desejado.

partir do desejo de observar mais de perto este fenômeno sociocultural. Em 2011, tivemos o interesse em vivenciar a corrida de rua e o primeiro quilômetro a ser corrido foi no lago II da Represa Municipal de São José do Rio Preto. A partir desse momento, a vontade de praticar a corrida de rua foi crescendo a cada dia e surgiu a vontade de participarmos de um evento relacionado a essa prática.

Esse evento foi realizado na Represa Municipal de São José do Rio Preto, no lago III. Podemos dizer que, nessa ocasião, houve uma mistura de emoções, a ansiedade relacionada à competição, a curiosidade de colocarmos pela primeira vez o *chip* no tênis, a angústia em saber se iríamos completar o percurso de cinco quilômetros e se iríamos conseguir correr todo o percurso. Conseguimos completar os cinco quilômetros correndo e sem esperança de conseguirmos as colocações para o pódio. Observamos o grande número de corredores presente no evento, mas, quando menos esperávamos, fomos solicitadas a comparecer ao pódio, pois havíamos nos classificado em segundo lugar da nossa categoria. A partir desse dia não deixamos de vivenciar a corrida de rua, sendo algo que está intimamente relacionado aos nossos valores sociais. A escolha, portanto, foi de seguir um caminho de investigação e ir além do que estávamos habituadas a conviver.

Do ponto de vista da interação entre os sujeitos e do reconhecimento de uma diversidade de valores e significados que a corrida de rua representa na vida dos corredores, essa prática pode ser considerada uma das manifestações sociais urbanas da contemporaneidade. A corrida de rua, ao se mostrar como manifestação cultural contemporânea, favorece a interação entre grupos de corredores e promove a socialização entre os mesmos, sem deixar de considerar a subjetividade da participação de cada corredor, uma vez que cada corredor tem

um objetivo para estar vivenciando a corrida de rua. Os significados que a corrida de rua pode assumir a partir da “liberdade”³, da troca de experiências e de dificuldades no cotidiano, traduzem um determinado modo de ser e existir na sociedade.

Ao nos reportarmos à cultura e ao lazer, nota-se que o tempo disponível das obrigações é visto de forma diferente por cada tipo de público. Embora se apresente uma gama de possibilidades de vivenciar o tempo disponível, pressupomos que existe um público que usa esse tempo para recuperar as energias e reestabelecer a capacidade reprodutiva destinada a algumas obrigações, sendo profissionais, sociais ou familiares. E existe, também, outro público que visa fazer desse tempo uma forma de consumo. Assim, foi possível identificar os significados e valores atribuídos à prática da corrida de rua.

Os corredores recebem as influências do meio em que vivem e produzem um conjunto de significados que são atribuídos a corrida de rua. O tipo de relação que esses sujeitos estabelecem com outros corredores, com o meio em que vivem e a compreensão que possuem das informações que circulam na sociedade atual sobre a corrida de rua e o modo de vida urbano, são determinantes para a construção do conjunto de significados que os corredores atribuem à tal prática. Além disso, o consumo de equipamentos esportivos usados pelos corredores (relógios com alta tecnologia, frequencímentros, roupas e tênis específicos para a prática da corrida de rua, além da contratação de serviços especializados como as assessorias esportivas e a participação em eventos), pode estar relacionado aos valores que os corredores atribuem à corrida de rua. O consumo de tais produtos está relacionado à conduta do sujeito em relação à

³ De acordo com Descartes (1971) a liberdade é classificada pela filosofia como a independência do ser humano, o poder de ter autonomia e espontaneidade. Para o autor, a liberdade é quando se pode afirmar ou negar, fazer algo ou deixar de fazer, sem a intervenção de alguma força maior.

sua prática. Assim, quais são os significados atribuídos à corrida de rua pelos corredores da Represa Municipal da cidade de São José do Rio Preto/SP? Quais as contribuições do referencial cultural e de lazer para a compreensão da corrida de rua?

Este trabalho tem como objetivos: 1) identificar e analisar os significados da corrida de rua para os frequentadores da Represa Municipal de São José do Rio Preto/SP e 2) identificar e analisar a corrida de rua como uma manifestação cultural urbana e de lazer para os corredores. Este estudo se apresenta em seis capítulos ou parte do texto, no intuito de torná-lo mais organizado em relação ao tema em discussão.

Após a introdução, numerada como uma primeira parte do estudo, vem na sequência o capítulo dois, “Caminhos da investigação”, em que apresentamos detalhadamente a metodologia, descrevemos onde e como realizamos a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo, em que utilizamos de observações e entrevistas, contendo os critérios de escolha dos entrevistados na Represa Municipal de São José do Rio Preto/SP.

No capítulo três, discutimos o tema “lazer e cultura”. Para a compreensão do lazer, nos apoiamos em autores clássicos e contemporâneos⁴, que discutem o lazer e seus conceitos. Assim, apontamos alguns processos do período de industrialização da sociedade (do século XVIII e XIX) e o surgimento do lazer. Posteriormente, procuramos compreender os conteúdos culturais do lazer e suas vivências.

No capítulo quatro, “Corridas de rua como prática cultural urbana”, trataremos da descrição dos fatos históricos da corrida de rua, considerando esta

⁴ Paul Lafargue (2000), Magnani (1993), Marcellino (1983; 2002; 2004; 2007), Dumazedier (1972;1980), Camargo (1980) e Schwartz (2003).

prática como um fenômeno sociocultural contemporâneo, além de apontarmos algumas aproximações com a contemporaneidade, envolvendo os valores e significados que os corredores atribuem à corrida de rua. Nesse sentido, destacamos o aumento significativo do número de corredores e algumas peculiaridades da corrida de rua.

No capítulo cinco, “A corrida de rua e os conteúdos do lazer na atualidade”, procuramos apontar a corrida de rua como parte dos interesses físicos do lazer na atualidade.

No capítulo seis, “O Campo na Represa: os significados da corrida de rua para os participantes da pesquisa”, descrevemos nossos resultados obtidos na pesquisa.

Por último, apresentamos as considerações finais da pesquisa.

2 CAMINHOS DA INVESTIGAÇÃO

Os métodos utilizados foram a pesquisa bibliográfica e de campo. A pesquisa bibliográfica é relacionada a um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atenta ao objeto de estudo. Para a pesquisa bibliográfica, tivemos como base as ideias de Severino (2007), sendo efetuada a partir de um levantamento bibliográfico nos Sistemas de Bibliotecas da UNIMEP e da UNICAMP, correspondente às obras de autores da Antropologia, Sociologia e da Educação Física, que se centram em um referencial sociocultural. Para a realização deste levantamento, foram consultados livros, dissertações, teses, periódicos e *sites* acadêmicos. Partimos de um referencial essencialmente interpretativo à procura de significados. Tivemos como palavras-chave: lazer, corrida de rua e cultura. Buscamos as palavras-chave combinadas entre si. Gil (2002) ressalta que a pesquisa bibliográfica é realizada por meio de artigos e livros já existentes, sendo classificados em dois tipos de leitura: corrente ou de referência. O autor descreve que um dos critérios minuciosos para a pesquisa bibliográfica parte da coerência dos dados obtidos. Neste estudo, a importância da pesquisa bibliográfica se dá pela contribuição do aprofundamento do tema.

A pesquisa bibliográfica apontada por Severino (2007, p.122) é:

Aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses e etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registradas. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos.

Nesta perspectiva do levantamento bibliográfico, tivemos como base três análises apontadas pelo autor:

- 1- Análise textual: momento no qual apontamos os principais pontos relacionados à temática em estudo, com o intuito de buscarmos esclarecimentos relativos ao autor.
- 2- Análise temática: sendo a análise que procuramos ouvir o autor, aprender sem intervir no conteúdo exposto e extrair do texto o problema que o autor está falando.
- 3- Análise interpretativa: Interpretar o texto, situando-o no contexto da vida do autor. É preciso compreender a mensagem do autor, a situação filosófica e influências, pressupostos, associações de ideias e críticas.

A importância da pesquisa bibliográfica, nesta dissertação, consiste em favorecer um maior entendimento entre os temas estudados, sendo relevante para o problema pesquisado.

A natureza da discussão é qualitativa. Segundo Minayo (2001), há uma relação entre o real e o sujeito, que não pode ser traduzido através de números, pois está intimamente relacionada à subjetividade do sujeito e ao mundo objetivo. Este tipo de estudo qualitativo envolve um universo de significados, crenças, valores e atitudes. Minayo (2001) aponta que esse tipo de pesquisa é uma forma adequada para o conhecimento da natureza de um fenômeno social, haja vista em coletar dados na realidade pesquisada para, posteriormente, analisá-los.

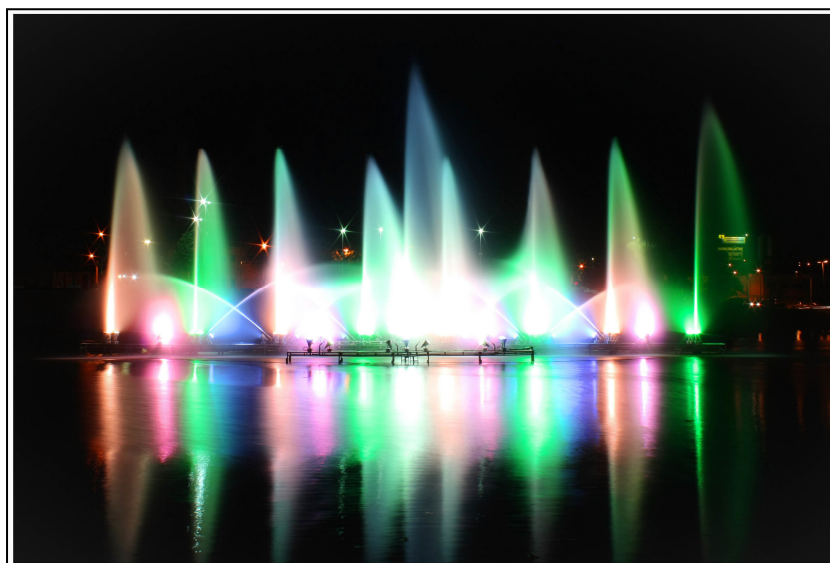
2.1 A Represa

A segunda fase da investigação, a pesquisa de campo, foi realizada na Represa Municipal da cidade de São José do Rio Preto- SP - Lago II e Lago III,

situado no interior de São Paulo, estando a 500 km da capital. Esta fase da pesquisa foi desenvolvida nos meses de junho e julho de 2016.

A Represa Municipal de São José do Rio Preto foi fundada em 1956. De acordo com o Portal Rio Preto, entre 1987 e 1990, os arquitetos Jamil Kfourri e Myrthes Baffi executaram o projeto “Plano de área verde”. Em 1988, a Represa recebeu significativa revitalização e um novo paisagismo. O espaço da Represa é composto por três lagos: Lago I, Lago II e Lago III. O Lago I possui pista de caminhada no entorno de suas margens, fonte luminosa musical, que possui mais de 30 jatos de água com alcance de aproximadamente 15 metros de altura, e também apresenta em sua extensão o Anfiteatro Nelson Castro.

Figura 1: Represa Municipal de São José do Rio Preto SP – Lago I



Fonte: Paulo Magri

O Lago II, possui pista de caminhada com 2.700 metros de extensão, dois sanitários públicos, sendo um masculino e outro feminino, 22 quiosques que formam a praça de alimentação, uma ilha no centro do lago habitada por diversas aves e animais silvestres, 19 quiosques para eventuais churrascos, playground, três academias ao ar livre, três academias ecológicas, paisagismo e arborização em toda extensão da pista de caminhada, bancos e mesas no seu entorno, jardim

japonês, quadra de areia, exposição de um avião Impala AT-26A doado pela FAB (Força Aérea Brasileira), passarela sobre o lago que permite uma visão ampla de suas margens e da ilha.

Figura 2: Passarela e as capivaras - Lago II



Fonte: Paulo Magri

Figura 3: Avião Impala AT-26A - Lago II



Fonte: Paulo Magri

Figura 4: Pista de corrida e caminhada - Lago II



Fonte: Paulo Magri

O Lago III, está localizado em frente aos condomínios Dahma⁵, possui pista de caminhada e ciclovia ambas com 2.900 metros de extensão com asfalto colorido e demarcado, 3 conjuntos de equipamentos de ginástica para alongamento e musculação, sanitários públicos masculino e feminino, bebedouros refrigerados e guarda municipal para dar apoio aos usuários.

Figura 5: Pista de corrida/caminhada e ciclovia- Lago III



Fonte: Paulo Magri

⁵Condomínio Dahma, é um residencial elitizado, habitado por pessoas de classe econômica alta e está localizado na região Leste da cidade de São José do Rio Preto.

A Represa Municipal de São José do Rio Preto além de ser uma área de extrema beleza natural, é considerada o cartão postal da cidade. Segundo o Portal Rio Preto⁶, estão presentes na Represa mais de dez espécies de animais silvestres, porém o que mais se destaca é a capivara, sendo conhecida como “mascote” da Represa. Existem cerca de 120 capivaras, que permanecem no local, o que significa que nem mesmo a presença dos humanos é capaz de espantá-las. De acordo com o Portal Rio Preto (2015), atualmente há aproximadamente 25 mil corredores amadores que frequentam a Represa Municipal de São José do Rio Preto.

A escolha pela represa, deve-se ao fato de ser um dos principais espaços públicos de lazer da cidade de São José do Rio Preto. Na pesquisa de campo optamos por realizá-la em dois períodos: o período matutino das 06:00hs às 10:00hs e o período noturno das 18:00hs às 20:00hs, devido ao maior fluxo de corredores nesses horários. Consideramos participantes da pesquisa os corredores que frequentavam a Represa Municipal de São José do Rio Preto.

A amostra foi estipulada pela saturação de dados, tendo o número mínimo de 20 corredores entrevistados do Lago II e 20 corredores entrevistados do Lago III. Foram entrevistadas, portanto, 40 pessoas no total. A saturação de dados, segundo Duarte (2002), é fundamentada à medida em que os depoimentos vão sendo colhidos. Durante esse processo, serão levantadas e organizadas as informações relativas aos objetos da investigação e, a partir deste levantamento, considera-se o volume e a qualidade dessas informações; o material de análise torna-se cada vez mais denso e consistente. Duarte (2002, p. 144) afirma que:

⁶ <http://www.riopreto.sp.gov.br>

Quando já é possível identificar padrões simbólicos, práticas, sistemas classificatórios, categorias de análise da realidade e visões de mundo do universo em questão, e as recorrências atingem o que se convencionou chamar de “ponto de saturação”, dá-se por finalizado o trabalho de campo, sabendo que se pode (e deve) voltar para esclarecimentos.

O número mínimo de 20 entrevistados é indicado por Duarte (2002). Entretanto é possível ocorrer uma variação do número de entrevistados. Pela saturação de dados é necessário que a análise do material obtido seja densa, considerando as relações entre os valores, significados, atitudes e ideias dos entrevistados.

Os entrevistados foram corredores adultos, homens e mulheres, pessoas que vão com certa frequência (semanalmente) à represa, com faixa etária superior a 18 anos. A escolha por essa faixa etária deve-se ao fato de serem pessoas que podem apresentar diferentes interesses em suas escolhas. A entrevista com homens e mulheres foi devido a maior diversidade de dados.

Partimos dos princípios da etnografia como referencial teórico-metodológico. Segundo Geertz (1989), praticar a etnografia é não se limitar apenas em escrever diários ou mapear o campo de pesquisa, mas, sim, realizar uma descrição densa em relação ao que o grupo de pessoas faz e os significados desses atos para elas, não deixando de relacionar o contexto em que essas pessoas vivem. A etnografia parte de uma descrição profunda e completa do grupo que está sendo observado.

Geertz (1989) apresenta uma abordagem semiótica da cultura e defende que o fazer da Antropologia é a etnografia. Desse modo, o autor ressalta que o trabalho da análise etnográfica é similar ao de um decifrador de códigos, ou ainda, semelhante a um crítico literário, que determina a base social e importância

da obra. Segundo o autor, a etnografia é o trabalho do antropólogo na tentativa de descrever a cultura e é caracterizada por uma “descrição densa”.

Utilizamos como técnicas de pesquisa a observação participante, questionário e entrevista semiestruturada. A observação participante, de acordo com Bruyne (1982 p. 213-4), pressupõe a observação direta e convívio com o grupo. A partir dessa técnica, tivemos acesso a dados que complementaram as entrevistas. Durante nossas observações, tivemos alguns pontos destacados, tais como: se os corredores corriam sozinhos ou acompanhados por assessoria esportiva ou por outro corredor; também observamos a vestimenta dos corredores e uso de acessórios esportivos, além de observarmos a frequência do corredor na Represa.

O questionário foi um meio de selecionar as pessoas para a participação da pesquisa. Continha, nesse instrumento, informações como: nome, telefone (para que pudéssemos entrar em contato posteriormente para a realização da entrevista semiestruturada), e-mail (por ser mais um instrumento para eventuais informações), a identificação do sexo, profissão (para identificarmos possíveis relações com a ocupação profissional).

O questionário foi o seguinte:

1-) Qual seu nome?

2-) Quantos anos você tem?

3-) Qual seu telefone e e-mail?

4-) O que você pratica aqui na represa? (Com essa questão, poderíamos saber quais práticas eram realizadas na represa de forma mais específica);

5-) Qual a sua frequência à Represa para realizar a(s) prática(s) que mencionou na questão acima? (Com essa questão, poderíamos saber se a pessoa mantém certa regularidade em frequentar a Represa);

6-) Para realizar essa(s) prática(s), você contratou algum tipo de serviço personalizado? (Com essa questão, poderíamos saber se o corredor corre com assessoria esportiva ou não);

7-) Qual sua profissão?

A partir do questionário, selecionamos pessoas que praticam a corrida de rua com regularidade.

Para identificarmos os significados da corrida de rua para os corredores da Represa Municipal de São José do Rio Preto, utilizamos as entrevistas semiestruturadas, procedimento considerado por Triviños (1987), como um dos principais meios na pesquisa qualitativa em Ciências Humanas. Tais entrevistas foram baseadas em um roteiro, permitindo ao entrevistado seguir espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências.

O roteiro de entrevista foi o seguinte:

- 1- Histórico sobre a prática da corrida de rua;
- 2- Significados atribuídos à corrida de rua;
- 3- Conceito de lazer;
- 4- A corrida de rua e a assessoria.

As perguntas para iniciarmos as entrevistas foram:

- 1- Há quanto tempo frequenta a Represa? Lago II ou Lago III?
- 2- Por que você frequenta a represa? (Considerando que os frequentadores da represa poderiam apresentar diferentes finalidades. Esta

questão propriamente dita poderia dar-nos pistas dos significados que os corredores atribuem para a corrida);

3- Quais os significados da corrida de rua para você?

4- Por que você optou por praticar a corrida de rua?

5- Há quanto tempo corre?

6- Você participa frequentemente de eventos de corrida?

7- Quando você pratica a corrida de rua é acompanhado(a) por outra pessoa ou empresa?

8- O que é lazer?

9- Gostaria de complementar alguma das respostas?

Nosso contato com os entrevistados deu-se da seguinte maneira: ao chegarmos à Represa Municipal, observávamos o fluxo dos corredores. O Lago II, por ser redondo, tornou-se difícil para localizar o ponto de partida ou de chegada das pessoas. Ao percebermos essa dificuldade, começamos a correr do lado oposto da maioria dos corredores. Isso facilitou a identificação dos mesmos, ao final do treino. Após algumas observações, como o uso de camisetas relacionadas a eventos de corrida de rua, tornou-se mais fácil a identificação das pessoas que correm em eventos destinados a prática da corrida de rua. Alguns escolhidos eram os que estavam com a camiseta desses eventos.

Para as entrevistas do Lago II chegávamos próximo aos corredores, apresentávamo-nos como pesquisadoras da UNIMEP e iniciávamos a conversa, procurando abertura para fazer as perguntas. Por este motivo, tivemos algumas recusas à nossa entrevista. Já os homens demonstraram maior interesse em participar das entrevistas.

As entrevistas no Lago III foram mais fáceis, devido à pista de corrida ser linear, contendo ponto de partida e de chegada. O bebedouro e o posto da Guarda Municipal facilitaram as abordagens, pois os corredores, ao finalizarem os treinos, faziam “rodas” de amigos para conversarem. Quando isso ocorria, fazíamos nossa apresentação para o grupo, como pesquisadoras da UNIMEP e iniciávamos a conversa, obtendo mais de uma entrevista no mesmo grupo.

Ao término das entrevistas e das observações dos participantes, foi realizada a terceira fase da pesquisa, referente à análise dos dados coletados na pesquisa de campo⁷. Para isso tivemos, como base, os princípios da pesquisa antropológica, o que Geertz (1989, p.31) compreende por descrição densa. Para o autor, esse tipo de descrição apresenta-se em quatro características:

Ela é interpretativa; o que ela interpreta é o fluxo do discurso social e a interpretação envolvida consiste em tentar salvar o “dito” num tal discurso da sua possibilidade de extinguir-se e fixá-lo em formas pesquisáveis. Há ainda, em adiantamento, uma quarta característica de tal descrição, pelo menos como eu a pratico: ela é microscópica.

Diante dessa perspectiva, a finalidade da terceira fase da pesquisa foi interpretar os discursos dos corredores da Represa Municipal de São José do Rio Preto. Portanto, tivemos como procedimento o nível da análise do comportamento social, em relação aos significados atribuídos à corrida de rua. Ao analisarmos os significados da corrida de rua para os corredores da Represa Municipal de São José do Rio Preto, interpretamos o comportamento relacionado à prática da corrida de rua. Assim sendo, a descrição da análise dos dados constituiu-se como uma teia de significados, levando-nos às singularidades e particularidades de

⁷ Utilizamos a ordem numérica crescente para citarmos as falas dos entrevistados, assim, mantendo o sigilo com relação a identificação de seus nomes.

cada corredor. Para dar suporte à interpretação dos significados, fundamentamos na pesquisa bibliográfica realizada na primeira fase da pesquisa.

As entrevistas foram gravadas em um aparelho gravador e incluímos, ao longo do trabalho, fotos da Represa Municipal de São José do Rio Preto.

Conforme rege as normas da Universidade Metodista de Piracicaba, em relação aos critérios de pesquisa, foi protocolado a pesquisa no Comitê de Ética em Pesquisa da UNIMEP, com o número de protocolo 138/2015. O mesmo foi aprovado.

3 LAZER E CULTURA

Para a compreensão do lazer, primeiramente se faz necessário percorrermos alguns conceitos sobre tal fenômeno social, apoiando-se em autores clássicos e contemporâneos. É preciso considerar como e quando surgiu o lazer, uma vez que o mesmo é um elemento primordial da cultura.

Paul Lafargue (2000) denuncia o trabalho de crianças e mulheres e ressalta a importância de se ter um tempo livre do trabalho. O autor aponta que, durante o período da Revolução Industrial⁸, não existia o mínimo de dignidade na vida operária. Nesta época, havia um “louco amor” pelo trabalho; era notável a miséria dos operários. Estes, por mais que trabalhavam em jornadas exaustivas, estavam cada vez mais miseráveis, enriquecendo apenas a burguesia. As horas de trabalho exaustivas, por diversas vezes, levavam os mesmos ao esgotamento e não havia indício algum de reação contra essa situação. A sociedade capitalista ampliava a degeneração intelectual, sendo a principal causa dessa degeneração a fadiga causada pelas jornadas de 12 a 14 horas diárias trabalhadas.

Lafargue (2000, p. 56) afirma que as pessoas “lutarão, não mais pelo direito ao trabalho, e sim pela distribuição social da riqueza e pelo direito de fruir todos os seus bens e prazeres”. Naquela época, vivenciar o lazer era uma maneira de demonstrar poder, devido ao fato do ócio ser um privilégio da burguesia. De acordo com o autor, o ideal seria que houvesse uma sociedade socialista. O autor faz argumentações a respeito da redução da jornada de trabalho. Lafargue (2000, p.44-45) sugere a diminuição do tempo de trabalho para que os operários possam praticar “as virtudes da preguiça”: ter boa alimentação,

⁸ A Revolução Industrial surgiu em meados do século XVIII na Grã-Bretanha, com os aperfeiçoamentos dos maquinários a vapor, com ênfase na produção têxtil e na metalúrgica. A revolução industrial caracteriza-se por sua grandiosidade de inventos e é marcada pela combinação entre a técnica e a ciência.

melhor moradia, participar de festas, danças, ouvir boa música, ter ocupação com as crianças, vivenciar as atividades do contexto do lazer e descansar.

Ao considerarmos o período da industrialização, podemos indicar duas classes sociais distintas: uma classe representada pela burguesia, sendo a classe relacionada ao poder e à exploração dos operários, e outra classe representada pelos operários. Esta classe almejava melhores condições de vida, lutava por melhores condições de trabalho e por uma renda mais justa e, conseqüentemente, pela diminuição da jornada exaustiva de trabalho. Segundo Magnani (1993, p. 31):

[...] para muitas tendências do movimento operário organizado, o tempo livre era de suma importância, pois significava não apenas a necessária reposição da energia gasta, mas ocasião de desenvolvimento de uma cultura própria e independente dos valores burgueses.

Segundo Marcellino (2002), as condições que os operários estavam expostos no trabalho industrial, desrespeitava a dignidade do ser humano. Homens, mulheres e crianças formavam a força do trabalho que demandava exaustivas horas trabalhadas. No século XIX, surge a luta pela redução da jornada de trabalho. Contudo, gerou-se uma consciência em relação à necessidade de se ter um tempo disponível, em busca de vivências fora do contexto profissional, para a reposição das forças produtivas. Além disso, os proprietários das indústrias identificaram que, com a redução das horas dedicadas ao trabalho, os trabalhadores tinham um maior rendimento na produção industrial.

O lazer, portanto, é um fenômeno histórico-cultural que está diretamente relacionado ao trabalho e às conquistas decorrentes dos trabalhadores. Nesse processo histórico de busca de direitos e conquistas, faz-se necessária uma compreensão mais ampla voltada ao lazer.

Conforme vem sendo apontado por Marcellino (2002), as atividades do contexto do lazer fazem parte dos processos socioculturais que ocorrem na vida cotidiana. Considera-se que tais práticas não devem ser vistas apenas como libertárias ou, ao menos, como alienantes. Dumazedier (1972) analisa o ser humano como um único ser, que envolve seus medos e frustrações familiares, religiosas e sociais, juntamente ao ambiente de trabalho. Nesse sentido, o lazer passa a ser considerado como algo compensatório, uma fuga para aliviar as frustrações do cotidiano.

Dumazedier (1980, p. 19) teve uma grande influência nos estudos do lazer no Brasil. Para enfatizar a compreensão sobre lazer, o autor, define-o como:

[...] conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda para desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária, ou sua livre capacidade criadora, após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

Para o autor, há três funções importantes relacionadas ao lazer: o descanso, o divertimento e o desenvolvimento. O descanso atende à função de liberar o indivíduo da fadiga ocasionada, em consequência das obrigações cotidianas. Assim, o lazer é um elemento reparador do desgaste físico e mental. Com o divertimento, há a busca de anular o tédio e as tarefas repetitivas, através de atividades de compensação, equilíbrio e fuga para um meio diferente do cotidiano. Em relação ao desenvolvimento, é possível uma maior participação social. Esta função contribui para o surgimento de condutas inovadoras e criadoras de novas possibilidades de envolvimento de pessoas, formação de grupos, tanto no âmbito social, como cultural. O autor aponta que essas esferas são atribuídas a funções solidárias, tendo a capacidade de, mesmo parecendo opostas, estarem intimamente relacionadas. Segundo Gomes (2008), essas

funções foram definidas durante os anos de 1956 e 1957, a partir de uma enquete organizada pelo *Centre d'Études Sociologiques*, sobre a posição do lazer no desenvolvimento social.

Dumazedier (1972) ressalta a dificuldade das pessoas em associarem o desenvolvimento ao lazer, apresentando-se, com maior evidência, o divertimento e o descanso. Dessa forma, se faz necessário que as pessoas tenham acesso às ações baseadas na educação pelo e para o lazer, uma vez que tais ações poderão ampliar as concepções e os diferentes valores atribuídos às atividades do contexto do lazer. A vivência das atividades no tempo disponível é considerada como uma manifestação cultural, relacionada à satisfação e ao prazer vivenciado, atrelado ao divertimento, ao descanso e ao desenvolvimento pessoal e social. Nesse sentido, podemos ressaltar os três gêneros do lazer (a prática, a assistência e o conhecimento). Um pouco mais adiante, apresentaremos uma crítica à visão de lazer de Dumazedier (1980).

Podemos evidenciar que a corrida de rua está inserida nos três gêneros do lazer, uma vez que ela é prática, pois as pessoas correm. Está presente a questão da assistência, uma vez que muitas pessoas assistem pela TV às corridas mais famosas, temos como exemplo: a corrida de São Silvestre e as Maratonas Olímpicas. Além disso, temos presentes familiares e amigos prestigiando a chegada dos corredores nos eventos de corrida de rua. E também está presente o conhecimento, pois atualmente temos visto muitos materiais como revistas científicas e *sites* específicos relacionados à corrida. Sendo assim, podemos ressaltar a corrida de rua como uma possibilidade de vivenciar os três gêneros do lazer.

Figura 6: Revistas dirigidas aos corredores



fonte: google

De acordo com Dumazedier (1980), a prática acontece quando o sujeito pratica a atividade escolhida de lazer. A assistência ocorre quando o sujeito acompanha, de algum modo, a atividade que escolheu, seja por audiovisual ou no próprio local que a atividade esteja acontecendo, como exemplo: assistir a uma partida de tênis. O conhecimento se dá pela busca de dados científicos referentes à atividade escolhida.

A partir desta visão funcionalista do lazer, a qual se restringe a atividades e ocupações de caráter compensatório, Faleiros (1980, p 52) faz uma crítica a Dumazedier, ressaltando que os trabalhos do autor demonstram:

[...] apenas a existência de conjuntos de atividades diferenciadas, as relações existentes entre essas e outras que não são classificadas como lazer e as perspectivas quanto às tendências de manifestações dessas atividades. Buscando esgotar todas as implicações do que considera o lazer, Dumazedier não consegue apanhar a dinâmica social que permite essas manifestações.

Assim, Faleiros (1980, p.61) aponta as fragilidades da abordagem funcionalista de Dumazedier (1980). Esse conceito de lazer de caráter funcional “se identifica com um invólucro vazio para ser preenchido com as atividades que são desenvolvidas em função de determinadas necessidades, desde que realizadas distintamente de certas obrigações institucionais”. A autora ressalta que este conceito está vinculado às atividades do contexto do lazer relacionadas

à satisfação de determinadas necessidades humanas. No entanto, a mesma destaca a pretensão do autor em construir um conceito operacional, o qual implica em preencher o lazer com determinadas atividades. A autora também ressalta o fato do conceito não retratar ou fazer menção ao contexto histórico que deu origem ao lazer.

O tempo “livre”, a partir de uma visão funcionalista, destaca-se como forma de recuperar as forças físicas, psíquicas e espirituais, Gaelzer (1985) descreve que:

“[...] era necessário um processo de educação para o tempo livre, acreditava-se que esse era o meio pelo qual o sujeito se conscientizaria do valor das atividades criadoras que [...] não só restabelecem a sua saúde integral, como podem constituir-se em uma promoção cultural no sentido de saber mais” (GAELZER, 1985, p.30).

Faz-se necessário ampliar os conhecimentos da educação para o tempo “livre”, uma vez que este tempo é de “liberdade”. Assim, é possível entender que as vivências de atividades do contexto do lazer é um direito de todos e está diretamente relacionada à satisfação almejada, uma vez que não se busca a satisfação apenas voltada à forma física, mas, sim, busca-se o equilíbrio do ser humano de forma integral. Marcellino (2007) ressalta que o lazer deve ser considerado para além da sua especificidade abstrata, que se pauta nas concepções funcionalistas. É preciso levar em conta o lazer em um contexto amplo, considerá-lo em sua especificidade concreta. Embora o autor se apoie nas categorias propostas por Dumazedier para a compreensão do lazer, Marcellino (2007) tem como finalidade para suas propostas a transformação social. Portanto, podemos dizer que este último autor tem como base uma visão crítica de lazer.

Ao apontarmos o lazer em sua especificidade concreta, é preciso:

[...] levar em conta o seu entendimento amplo em termos de conteúdo, as atitudes que o envolve, os valores que propicia, a consideração dos seus aspectos educativos, as suas possibilidades como instrumento de mobilização e participação cultural, e as barreiras socioculturais verificadas para efetivo exercício, tanto intraclasses como interclasses sociais. (MARCELLINO 2007, p. 13)

Dessa forma, concordamos com Marcellino (2007) quando este evidencia a necessidade de superar a visão funcionalista do lazer a partir de uma perspectiva dialética e a partir do conceito de cultura. Nesse sentido, ressaltar o lazer como cultura implica em distanciá-lo da visão funcionalista e assistencialista. Entretanto, ao apontar o lazer como uma manifestação cultural, faz-se necessário relacionar os sentidos e significados atribuídos às atividades do contexto do lazer.

Marcellino (2004) faz a crítica à Dumazedier, quando este ressalta a visão restrita da apropriação do lazer pela população em geral. O autor faz duas contestações às ideias de Dumazedier:

[...] a primeira, que o lazer é um veículo privilegiado de educação; e a segunda que, para a prática positiva das atividades de lazer, é necessário o aprendizado, o estímulo, a iniciação, que possibilitem a passagem de níveis menos elaborados, simples, para níveis mais elaborados, complexos, com enriquecimento do espírito crítico, na prática ou na observação. (MARCELLINO, 2004, p. 58 - 59)

Segundo Marcellino (2002), a visão funcionalista do lazer é compreendida como a visão idealista do ser humano, da sociedade e do mundo, baseia-se no positivismo e no funcionalismo, que veem a sociedade como um sistema, e o lazer como um subsistema. Marcellino (2004) apresenta diferentes vertentes relacionadas à visão funcionalista do lazer: romântica, moralista, compensatória ou utilitarista. Essa classificação é feita com objetivos apenas de análises, uma vez que essas vertentes não se apresentam de forma isolada, mas sim interligadas no conceito de diferentes autores.

De acordo com Marcellino (2002), o lazer parte de um viés social importante na vida das pessoas, tornando-se fundamental no mundo contemporâneo e favorecendo mudanças de ordem moral e cultural. O lazer não deve ser tido como uma válvula de escape, com o intuito de aliviar tensões ou uma atividade compensatória de uma rotina estressante carregada de frustrações. Embora esta realidade se faça presente na vida de grande parte das pessoas.

Nesse sentido, compreendemos como fundamental superar o entendimento restrito do lazer em relação à cultura, uma vez que associar o lazer à cultura é aprofundar o seu conhecimento sobre a educação, a família, o trabalho, entre outros. As diversas manifestações da cultura, tais como os jogos, as viagens, as brincadeiras, os esportes, a alimentação, são vivências do tempo disponível. Não é todo tempo de “folga” que é destinado às atividades do contexto do lazer, pois este tempo tem que estar desprovido das obrigações familiares, profissionais, sociais, escolares e políticas. Verifica-se que o lazer deve ser primeiramente uma vivência prazerosa, que envolve satisfação, ocorrida no tempo “livre” das obrigações, o que resulta em livre escolha. Entretanto, Marcellino (2004, p. 29) ressalta que o tempo não é “livre”, mas sim disponível, “tempo algum pode ser considerado livre de coações ou normas de conduta social”. O autor prefere o termo tempo disponível e não tempo “livre”.

Segundo Marcellino (2002), para caracterizar o lazer, é necessário que se considerem os aspectos tempo e atitude. Esses dois aspectos tornam-se fundamentais para o entendimento do lazer. O tempo é indispensável para a vivência de atividades do contexto do lazer, atividades essas que proporcionam momentos privilegiados, disponíveis das obrigações familiares, religiosas, políticas e profissionais. Em relação à atitude, o interesse dos sujeitos é de

valorizar a satisfação provocada pela escolha da atividade. Além dos aspectos tempo e atitude, é possível salientarmos o duplo processo educativo do lazer.

Marcellino (2007) aponta esses processos como a educação pelo e para o lazer. Desse modo, educar para o lazer é educar os sujeitos para que compreendam os diversos conteúdos do lazer. Requixa (1980), descreve que a própria vivência da atividade no contexto do lazer é o melhor incentivo educativo para o próprio lazer. O duplo processo educativo pelo e para o lazer tem como objetivo estabelecer relações entre os valores atribuídos; o mesmo é objeto de educação (educação para o lazer) e veículo de educação (educação pelo lazer).

Segundo Marcellino (2004, p. 62):

Torna-se mais ainda necessário um processo educativo de incentivo à imaginação criadora, ao espírito crítico, ou seja, uma educação para o lazer, que procure não criar necessidades, mas satisfazer necessidades individuais e sociais. Não se trata de uma posição utópica de retorno à sociedade tradicional, mas de um posicionamento contra o privilégio na aspiração e no acesso à produção cultural, e da recusa dos preconceitos que sempre marcaram a educação para o lazer tendo como canal a educação formal.

De maneira geral, diante do cenário social da contemporaneidade, torna-se necessário ressaltar o lazer como um veículo e objeto de educação, capaz de produzir transformações nos comportamentos dos sujeitos em relação ao desenvolvimento pessoal e social. Dessa forma, Marcellino (2007) descreve as esferas do lazer em três diferentes níveis: elementar, caracterizado pelo conformismo, médio, que prepondera a criticidade, e superior que caracteriza a criatividade.

Ao nos reportarmos ao lazer relacionado a uma perspectiva crítica e criativa, estamos evidenciando a possibilidade do desenvolvimento pessoal e social das pessoas, no sentido do desenvolvimento humano. O aspecto relativo à

subjetividade das atividades praticadas tende a estar marcada por fatores culturais e sociais. Sendo assim, as atividades possibilitam o acesso diferenciado por meio da vivência do tempo disponível, possibilitando que as pessoas desfrutem dessas vivências atingindo os níveis crítico e criativo, transformando e ressignificando a cultura existente. Diante dessa perspectiva, a compreensão ampliada do lazer é fundamental para que o mesmo não seja somente uma “válvula de *escape*” das frustrações do cotidiano. A importância da vivência do lazer, nos níveis crítico e criativo, proporciona experiências significativas. Dessa forma, o sujeito busca aproveitar melhor o tempo disponível das obrigações. Segundo Marcellino (2002), trata-se da passagem de níveis menos elaborados, simples, para níveis mais complexos, procurando superar o conformismo, pela criticidade e criatividade.

Ao considerarmos o lazer nesta perspectiva ampliada, podemos entendê-lo como uma manifestação humana que envolve sentidos e significados. Apesar de se considerar o lazer a partir das três esferas: descanso, divertimento e desenvolvimento, Marcellino (2002) acredita que não se deve compreender o lazer apenas como uma válvula de *escape*, embora esta realidade está presente na vida de muitos sujeitos. Os estudos realizados por Marcellino aproximam-se do referencial sociológico e do conceito antropológico de cultura. Sendo assim, Marcellino (2007), considera o lazer como:

Cultura vivenciada (praticada, fruída ou conhecida), no tempo disponível das obrigações profissionais, escolares, familiares, sociais, combinando os aspectos tempo/espaço e atitude [...]; tempo a ser privilegiado para a vivência de valores que contribuam com mudanças de ordem moral e cultural [...]; portador de um duplo aspecto educativo, veículo e objeto de educação, considerando, assim, não apenas as suas possibilidades de descanso e divertimento, mas também de desenvolvimento pessoal e social (MARCELLINO, 2007, p. 46).

Assim, podemos considerar o lazer como um fenômeno sociocultural. Também pode ser dito que a vivência do tempo disponível envolve a compreensão do significado de cultura. Ao apresentarmos a corrida de rua e o lazer como uma manifestação sociocultural, podemos ressaltar a importância dos estudos relacionados aos fatores culturais. Nesse sentido, é fundamental ter uma compreensão ampliada e comprometida com a revisão de valores e significados atribuídos à corrida de rua. É importante ressaltar que a compreensão da corrida de rua, de forma mais ampliada, constitui-se como uma dimensão simbólica de relevante contribuição para vivência do tempo disponível.

Neste trabalho, centramo-nos em um referencial teórico sociocultural, apoiando-se em Marcellino (2007) e Carmen Cinira de Macedo (1984). Ambos propõem um entendimento do lazer a partir da valorização dos sujeitos e das relações sociais. A autora descreve que não existe uma atividade humana que esteja desvinculada da construção de significados e, a partir da construção desses significados, é que se dá sentido à vida. Portanto, podemos considerar, a partir dessa perspectiva, que existem modos de fazer, interagir, ser e representar, estando intimamente relacionados à diversidade dos aspectos socioculturais, uma vez que essas diversidades estão em constantes transformações de saberes e conhecimentos. Partindo deste conceito de cultura, é possível revermos os valores e significados da corrida de rua para os corredores da Represa Municipal de São José do Rio Preto, uma vez que existem diferentes modos de ser e representar-se na sociedade.

Daolio (1994) afirma que, ao olharmos para o próximo, estamos, de alguma maneira, olhando para nós mesmos. Na busca de compreender a cultura em seu sentido mais amplo, é preciso considerar que o ser humano é biológico,

psicológico, social e cultural. Segundo Daolio (1994), existe uma unidade entre o biológico e o cultural. Ambos se completam, não sendo passíveis de separação. “ O cérebro humano é também cultural, já que desenvolvido, em grande parte, após o início da cultura e influenciado e estimulado por atitudes culturais ” (DAOLIO, 1994, p. 33). O autor evidencia que não existe um homem sem cultura, sendo ela a base da sua existência.

Geertz (1989), antropólogo norte-americano, destaca o conceito de cultura não como sendo uma ciência experimental, pautada em leis, mas sim como uma ciência interpretativa que se centra na busca pelos significados. Geertz (1989 p. 15) afirma:

O conceito de cultura que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo estas teias e sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado.

A partir deste conceito, podemos pensar nos significados que os corredores da Represa Municipal de São José do Rio Preto atribuem à prática da corrida de rua. Portanto, ressaltamos que a corrida de rua parte de uma atividade cultural, uma vez que os sujeitos atribuem diferentes significados à tal prática. De acordo com Lopes da Silva et al. (2008, p. 47), para que seja possível a compreensão dos significados das ações humanas, faz-se necessário “identificar as intenções, as emoções, as expressões que os diferentes sujeitos realizam, a posição ocupada por eles no contexto em que vivem, suas condições e história de vida”. Os autores evidenciam a relevância de reconhecer a si próprio como sujeito e, simultaneamente como outro.

Diante dessa linha de pensamento podemos ressaltar a afirmação de Geertz (1989, p. 64):

Tornar-se humano é tornar-se individual, e nós nos tornamos individuais sob a direção dos padrões culturais, sistemas de significados criados historicamente em termos dos quais damos forma, ordem, objetivo e direção às nossas vidas.

É a partir desse pensamento que não podemos fragmentar o ser humano, dividindo-o em biológico e cultural, mas sim pensarmos que o ser humano se constitui por dois fatores que se completam. Assim, pode-se considerar a cultura de uma maneira dinâmica, que favorece uma contínua produção de significados.

Baseados na perspectiva da cultura para a compreensão dos significados da corrida de rua, consideramos a dinâmica das manifestações corporais sendo essencialmente simbólicas. Nesse sentido, para compreendermos a cultura como produção humana e como dimensão simbólica, podemos apontar uma das principais ideias de Geertz (1989, p.66). O mesmo afirma que a cultura é:

[...] um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporados em símbolos, um sistema de concepções, herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida.

Diante dessa perspectiva, o autor salienta o conceito de cultura atrelado a uma rede de significados produzida pelos grupos sociais. Podemos dizer que o significado é um campo que se refere aos fenômenos empíricos, às experiências vivenciadas. Segundo o autor supracitado, a cultura está intimamente relacionada a um sistema simbólico, o qual organiza e representa a

vida dos distintos grupos sociais. Através da troca desses símbolos é possível dar sentido ao modo de ser e existir em sociedade.

Nesse contexto, a cultura refere-se às diversas formas de vida, processo de socialização dos indivíduos e padrões de comportamento que estão em constante transformação. Esse processo refere-se a uma dimensão da vida humana que favorece o entendimento do convívio em grupo, por compartilhar significados.

Geertz (1989, p.61) ressalta que:

[...] nós somos animais incompletos e inacabados que nos completamos e acabamos através da cultura, não através da cultura em geral, mas através de formas altamente particulares de cultura.

As referências apoiam-se na dimensão cultural, que está diretamente relacionada ao convívio social. Todavia, envolve os modos como se vivenciam as atividades, aborda a troca de experiências, as quais se constituem as maneiras como as pessoas produzem e vivenciam a cultura. Segundo Lopes da Silva et al. (2015), a cultura está em um constante processo de construção, o qual possibilita modificações na maneira como encaramos determinados saberes. De acordo com os autores, “esse processo de construção estende-se a todas características da cultura, ou seja, hábitos, ideologias, e práticas corporais estão suscetíveis a mudanças” (LOPES DA SILVA et al, 2015, p. 21).

Nesse sentido, entendemos como fundamental, com base nos estudos de Marcellino (1983), que as atividades do contexto do lazer estão relacionadas ao convívio social e a questões culturais.

Dessa maneira, a apropriação do tempo disponível favorece a atitude crítico-criativa. A partir da influência que está presente na sociedade

contemporânea, é preciso integrar o lazer aos diversos interesses culturais com desdobramentos nos âmbitos profissional, cultural, econômico, social e político, promovendo, dessa forma, mudanças na sociedade.

De acordo com a Constituição Federal 1988 o lazer é um dos direitos sociais. O artigo 6.º da Constituição Federal, dada pela Ementa Constitucional n.º 64 de 2010, dispõe que são “[...] direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição”. Nesse sentido, precisa-se compreender as reais possibilidades criadas pelas políticas sociais. Torna-se essencial entender as perspectivas para o lazer, uma vez que essa consideração amplia a compreensão dos significados do lazer a partir da construção de identidades.

Torna-se evidente que as vivências das atividades do contexto lazer atendem aos diferentes interesses, para isso se faz necessário uma melhor compreensão das reais possibilidades das vivências dos conteúdos culturais do lazer. De acordo com Lopes da Silva et al. (2015, p. 11):

[...] o lazer é uma atividade historicamente situada, ou seja, determinados modos de usufruir do tempo disponível só faz sentido quando nos aproximamos dos significados e sentidos conferidos a eles pelas sociedades em que estão dispostos.

Partindo dos conteúdos de lazer, é premente nos apoiarmos em Dumazedier (1972) e Camargo (1980), que descrevem os conteúdos culturais do lazer, embora com algumas críticas apontadas à visão do lazer. Tais conteúdos fazem parte de seis áreas fundamentais, cada qual com sua particularidade. Dumazedier (1972) caracteriza o interesse físico por atividades destinadas às práticas, não somente ao esporte, mas sim como toda prática corporal, como exemplo a corrida de rua. Entretanto, não podemos nos pautar somente pelo

gênero da “prática”, mas considerar também a “assistência” e o “conhecimento”, sendo de uma partida de tênis, de voleibol, handebol, futebol, enfim, várias práticas corporais, apresentando-se como uma possibilidade de se vivenciar o interesse físico. Além das práticas esportivas, a pesca e os passeios são parte também dos conteúdos físicos. Os interesses artísticos estão relacionados às atividades ligadas às artes, ao imaginário, envolvendo emoções e sentimentos. Nos interesses intelectuais, estão envolvidas as atividades como a leitura, o jogo de xadrez ou dama. Esse interesse busca o contato com o real, através das experiências vividas. Os interesses manuais se caracterizam por atividades ligadas à manipulação de objetos e produtos, a capacidade de manipular, transformar e restaurar. O cuidado com o jardim e com os animais também são atividades que fazem parte do interesse manual. Os interesses sociais, que envolvem atividades em grupos, o contato com outro, favorece o desenvolvimento e a sociabilidade.

Dentre os conteúdos culturais do lazer, Camargo (1980), que foi orientando de Dumazedier, contribui acrescentando aos conteúdos culturais do lazer, os interesses turísticos, o qual enfatiza as viagens, os passeios, estar em novos lugares, conhecer outras culturas, esse interesse busca a quebra da rotina.

Schwartz (2003) compreende o virtual como o sétimo conteúdo do lazer, o qual proporciona novas vivências do contexto do lazer, como exemplo: o contato entre pessoas desconhecidas. Entretanto, existem discussões entre autores estudiosos do lazer (Fraga e Lopes da Silva, 2010) que ressaltam o virtual como um espaço, que promove o acesso aos demais conteúdos do lazer, que foram descritos acima, tais como: físico, manual, artístico, intelectual, social ou turístico.

De acordo com Fraga e Lopes da Silva (2010, p.6), a comunicação virtual favorece o intercâmbio de significados. As autoras compreendem essa interação como uma nova forma de cultura, “onde a presença se vale por meio das palavras escritas por meio do computador”. Nessa perspectiva, a troca de significados mediada por computadores, celulares e outros aplicativos favorece as relações humanas. As autoras ressaltam:

Esses interesses comuns que caracterizamos ser a procura das pessoas em participar das comunidades, nos faz pensar nos conceitos de lazer, devido à interferência que, conseqüentemente, pode vir a ocorrer em vários campos do lazer, pelo fato de passar por um processo junto a essa modernização, onde o acesso à *internet* pode facilitar as inúmeras possibilidades para uma dinâmica cultural, propiciando o acesso das pessoas ao lazer na sociedade contemporânea (LOPES DA SILVA E FRAGA 2010, p.12).

A partir dessa perspectiva, entendemos que se pode utilizar a comunicação virtual como forma de lazer, uma vez que a comunicação do mundo contemporâneo almeja as trocas de significados. Para as autoras supracitadas, o virtual é um espaço e, nesse caso, pode ser um espaço para acessar os demais conteúdos do lazer, como o social.

Dentre os interesses culturais do lazer, a atitude assumida pela pessoa é um traço fundamental para caracterizar sua participação como ativa ou passiva. Segundo Marcellino (2002, p. 20), “tanto a prática, como o consumo, poderão ser ativos ou passivos, dependendo de níveis de participação da pessoa envolvida”.

Dumazedier (1972) descreve a atividade e a passividade no lazer. O autor ressalta que as vivências no tempo disponível, em si mesmas, não se caracterizam em passivas ou ativas, mas sim na atitude que a pessoa assume em relação à atividade direcionada ao lazer. Tanto a atitude ativa como a passiva não são opostas. Podemos citar a participação do corredor nas assessorias

esportivas⁹, que pode ser caracterizado como atitude ativa, ou passiva, isso dependerá da sua participação na vida social.

Nesse sentido, Marcellino (2002, p. 22) ressalta que:

[...] é importante reconhecer que o valor cultural de uma atividade está ligado, fundamentalmente, ao nível alcançado, seja na sua prática, seja no consumo [...]. Entretanto é importante salientar que a simples prática não significa participação, assim como nem todo “consumo” corresponde necessariamente à passividade.

Podemos dizer que se faz necessário considerar a distinção entre a prática e o consumo em relação às vivências no tempo disponível. Atualmente há uma gama das atividades do contexto do lazer mediadas pelo mercado. Por mais que existam equipamentos públicos, na cidade, destinados à prática das atividades do âmbito do lazer, podemos considerar a distância física que as pessoas estão desses equipamentos como uma barreira social. Segundo Lopes da Silva et al. (2015, p. 13) “a falta de contato deve-se, sobretudo, à disposição de recursos econômicos e à desigualdade social acarretada disto, bem como às políticas públicas pouco incisivas para assegurar o lazer em suas diferentes características”. Podemos citar, como exemplo, um espaço municipal localizado no centro da cidade, que oferece uma gama de possibilidades de atividades do contexto do lazer, porém este local está situado em uma região de difícil acesso para aqueles que moram na periferia. Podemos ressaltar que algumas pessoas que moram em lugares distantes deste espaço central que oferece atividades poderão não ter acesso a este local. A distância física contribui para que o lazer dos moradores dos bairros mais afastados das áreas centrais seja diferente

⁹ As assessorias esportivas são compostas por profissionais especialistas da área da saúde tais como: Professor de Educação Física, Fisioterapeutas, Nutricionistas, entre outros. Tais profissionais desenvolvem um trabalho na área do treinamento especializado em uma determinada prática esportiva.

daqueles que moram próximos a região central. Assim, a distância, a falta de disponibilidade e a falta de dinheiro contribuem significativamente para a inibição da vivência das atividades do contexto do lazer. De acordo com Marcellino (2002, p. 23), “o fator econômico é socialmente determinante desde a distribuição do tempo disponível entre as classes sociais até as oportunidades de acesso à escola”. Diante dessa perspectiva, faz-se necessário compreender o lazer como fenômeno sociocultural, um direito de todos os cidadãos. As atividades no contexto do lazer devem proporcionar aos sujeitos satisfação em vivenciá-las. A vivência de tais atividades de lazer no tempo disponível é entendida como sendo de caráter desinteressado:

Não se busca, pelo menos basicamente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação. A “disponibilidade de tempo” significa possibilidade de opção pela prática ou contemplativa (MARCELLINO 2004, p.31).

A corrida de rua se apresenta como uma manifestação cultural. É possível considerar a prática dessa atividade como um momento de “livre” escolha, uma vez que os sujeitos atribuem um conjunto de significados à mesma. Estas manifestações culturais possibilitam o intercâmbio de valores e conceitos.

Segundo Nogueira e Motta (2014), a corrida de rua demonstra ser uma atividade aparentemente simples, e essencialmente democrática, uma vez que não é preciso um lugar físico específico para a prática, ou de equipamentos para sua vivência. Por outro lado, essa atividade tem mostrado ser extremamente lucrativa para os investidores. As indústrias que há pouco tempo direcionavam suas estratégias para crianças e jovens, hoje têm demonstrado um aumento significativo ao público consumidor em geral, tendo como um dos principais focos o praticante da corrida de rua. Citamos como exemplo os relógios com frequencímetros, demarcação da distância percorrida e descrição detalhada do

percurso. Os tênis com diferentes tipos de amortecimentos, de acordo com a “pisada” dos corredores. Encontramos alguns exemplos de propagandas evidenciando este investimento:

Figura 7: Propaganda de diferentes modelos de amortecimento.

A propaganda apresenta um tênis no centro, com o título 'CONTRA RELOGIO' no topo e 'GUIA DO TÊNIS DE CORRIDA' na base. À direita, há três seções de texto explicando diferentes tipos de amortecimento:

AMORTECIMENTO	Arco alto, pisada neutra e supinada	Aumenta o controle de impacto da entressola. O amortecimento extra irá compensar a falta de absorção de impacto dada pela não pronação. É extremamente importante para evitar impactos prejudiciais.
CONTROLE DE MOVIMENTO	Arco baixo, pisada pronada média a severa	Trazem tecnologias de suporte extra no lado interno para diminuir a pronação excessiva e tendem a ter solas mais amplas e planas. Ideal para corredores mais pesados que necessitem de apoio extra.
ESTABILIDADE	Arco normal, pisada pronada leve	Estes calçados têm algum suporte interno medial e bom amortecimento da entressola. Como os arcos normais ou médios dos pés são os mais comuns, a grande maioria dos corredores precisará de tênis da categoria Estabilidade.

Personal Fit

Fonte: *google*

Assim, é possível compreender toda influência do mercado relacionado à corrida de rua. Embora, muitos corredores não fazem consumo desses produtos.

Dumazedier (1972, p.46) descreve alguns conflitos em relação a orientação das atividades:

Em uma sociedade que é, sobretudo, orientada pelo dinheiro, pela venda de produtos, pela publicidade de consumo, consumo de objetos necessários, ou não, para viver, o tempo de lazer corre risco de ser, sobretudo, tempo de consumo fácil.

O lazer apontado como uma manifestação cultural envolve duas dimensões importantes e complementares, Ferreira et al (2013, p.16) afirma:

[...] a dimensão política de modo a considerar que nossa sociedade é permeada por relações assimétricas de poder e que a atuação profissional deve estar comprometida com a emancipação dos sujeitos; a dimensão simbólica que se traduz nos sentidos e significados que os sujeitos atribuem às práticas de lazer, aos conteúdos culturais, às tradições, entre outros

elementos, sem os quais seria praticamente impossível pensar o lazer em termos de cultura.

A partir desse referencial, podemos destacar o conceito de lazer como cultura vivenciada no tempo disponível, contribuindo, assim, para o entendimento do lazer além da finalidade de recuperar as forças físicas, psíquicas e espirituais. Segundo Marcellino (2002), o ideal seria que o ser humano envolvesse diferentes grupos de interesses, buscando, de certa forma, exercitar o corpo, a imaginação, o raciocínio, a habilidade manual, o relacionamento social, o intercâmbio cultural e a quebra da rotina de forma livre e espontânea. As vivências de atividades do âmbito do lazer devem atender as pessoas como um todo. É preciso que as mesmas tenham conhecimento das reais possibilidades dos conteúdos do lazer. Esse conhecimento pode se dar por meio da educação pelo e para o lazer.

Quando destacamos a maneira espontânea de vivenciar o tempo disponível no contexto do lazer, ressaltamos a subjetividade dos sujeitos, pois muitas vezes o que é uma atividade do âmbito do lazer para uns, deixa de ser para outros. Podemos citar o exemplo da pescaria: para o pescador, a pesca pode não ser uma atividade do contexto do lazer, como também, uma partida de futebol, para o jogador profissional, não é uma atividade vivenciada no contexto do lazer. Assim para os atletas maratonistas, que representam a pátria e estão em constante treinamento, correr não está relacionado a uma atividade do contexto do lazer e sim às obrigações profissionais. Essas práticas só seriam atividades do contexto do lazer se vivenciadas no tempo disponível e escolhidas por esses sujeitos, sem nenhum outro interesse a não ser a própria satisfação da atividade.

Existem algumas barreiras para a vivência das atividades do contexto do lazer. Contudo, essas barreiras estão relacionadas a diferentes fatores, que estão intimamente vinculados à cultura. Em nosso contexto, o lazer é diariamente difundido como mercadoria a ser consumida. As barreiras sociais estão relacionadas aos fatores econômicos, de gênero, faixa etária, estereótipo, dentre outros. Marcellino (2002) discute sobre a influência da indústria cultural na contribuição para a formação das barreiras intraclasses e interclasses sociais. As barreiras intraclasses estão relacionadas ao gênero e faixa etária, acesso aos espaços de lazer, fatores estes que possivelmente impendem a prática de atividades no tempo disponível. As barreiras interclasses têm como determinante o fator econômico, que favorece a desigualdade da apropriação do lazer entre as classes sociais.

Ao tratar-se das barreiras intraclasses e interclasses, podemos destacar a Represa Municipal de São José do Rio Preto como um cenário que rompe com essas barreiras. A diversidade que se concretiza em diferentes condições sociais (classes sociais), culturais (etnias e valores), de gênero, regionais, dentre outras, torna-se visível tanto nos grupos de corrida presentes na Represa Municipal de São José do Rio Preto, como nos corredores que correm sozinhos, pois, apesar de correrem sós, eles acabam conhecendo outros corredores que praticam a corrida. Além do mais, grupos de classe média ou de outras classes populares compartilham do mesmo espaço físico, mesmo tendo diferentes realidades sociais.

Gomes e Pinto (2009, p. 80) enfatizam: “a noção de identidades, no plural, para explicitar a diversidade de modos de pensar, ser, fazer e conviver no tempo/espaço/oportunidade de livre escolha dos sujeitos, que chamamos de

lazer”. Dessa maneira, entendemos que a identidade está diretamente envolvida com os grupos, que estão em constantes transformações, integrando-se em uma rede cultural, mesmo com toda sua diversidade.

Ao nos reportarmos à corrida de rua como uma manifestação cultural urbana, devemos ressaltar suas contradições. A corrida é uma prática individual, mas que mobiliza e envolve grupos. Basicamente é uma atividade simples, sem muitas exigências, basta sentir vontade de correr. Entretanto, partindo da perspectiva do consumo, foram criados diversos produtos para auxiliar na prática da corrida de rua. Esses produtos potencializam os fatores que envolvem as barreiras interclasses sociais, uma vez que são produtos que têm um alto custo financeiro, como exemplo: relógios de alta tecnologia, tênis com diferentes tipos de amortecimento, entre outros. Assim, apesar da Represa Municipal de São José do Rio Preto ser, em princípio, um local que reúne diferentes grupos sociais e que possuem em comum a corrida, ela é um espaço que marca diferenças de classes sociais, por exemplo.

Vale salientar a relação existente entre os interesses físicos e os interesses sociais no lazer, visto que a corrida de rua demonstra ser um lugar de constituição dos sujeitos, um espaço não formal de educação, onde acontecem os intercâmbios de significados e são construídas novas identidades. Isso se dá por meio dos eventos, do espaço público em comum e da sociabilidade. Marcellino (2002, p.17) afirma que:

Os vários interesses que as aspirações pela prática do lazer envolvem, formam um todo interligado e não constituídos por partes estanques. A distinção só pode ser estabelecida em termos de predominância, representando escolhas subjetivas, o que evidencia uma das características das atividades de lazer - a opção.

Independentemente da atividade vivenciada, faz-se necessário o entendimento da mesma como uma dimensão da cultura que traz expressivas contribuições ao campo do lazer. De acordo com Werneck (2003), a cultura institui uma expressiva possibilidade para se conceber o lazer em nossa realidade histórico-social. Pode-se afirmar que a cultura constitui um campo de produção humana em várias perspectivas e o lazer representa uma de suas dimensões que inclui a fruição de diversas manifestações culturais. Em síntese, há muito que se pensar sobre o lazer e suas possibilidades. Cada conteúdo pode gerar diferentes discussões, tanto em relação aos significados, como em relação ao contexto cultural, social, e histórico em que o lazer está inserido. De fato, podemos dizer que, na sociedade contemporânea, existem novos espaços sociais envolvendo as relações entre os indivíduos e novas formações de grupos. Isso evidencia a necessidade de refletirmos sobre as relações entre o lazer e a cultura. Afinal, tanto o lazer como a cultura apresentam uma multiplicidade de compreensões que ampliam a análise dessa temática, a partir de um aprofundamento sobre a corrida de rua na sociedade atual que se caracteriza como uma prática urbana. No próximo capítulo trataremos desse aspecto “As corridas de rua como prática cultural urbana”.

4 AS CORRIDAS DE RUA COMO PRÁTICA CULTURAL URBANA

Apresentaremos, neste capítulo, fatores históricos que irão contribuir para a compreensão da corrida de rua como um fenômeno sociocultural, além de buscar algumas aproximações com a contemporaneidade, relacionando os valores e significados da corrida de rua para os corredores.

A partir da história da corrida de rua, precisamos percorrer alguns caminhos. Faz-se necessário descrever a corrida de rua como uma prática que possui significados e valores para seus praticantes. Para que isso seja possível, neste capítulo, iremos nos apoiar em autores clássicos e contemporâneos que discorrem sobre a corrida de rua. Dallari (2009) é uma autora contemporânea, que descreve sobre o surgimento da corrida de rua no século XVII, na Grã-Bretanha. A classe operária teve maior prevalência, nessa época, na participação das corridas, fato este devido aos patrocínios das grandes empresas. A primeira corrida com média de tempo e classificação aconteceu em 1937, teve uma distância de 84 km e ocorreu em Londres.

A corrida foi popularizada na Inglaterra no século XVIII, posteriormente se expandiu pela Europa e Estados Unidos no século XIX. Ganhou destaque mundial quando foi percorrida e oficializada a distância de 42.195 metros na Maratona Olímpica de Londres, no ano de 1948. A prática dessa atividade consiste em um amplo campo de valores e significados que os corredores atribuem à tal vivência. No Brasil, no século XX, aconteceu a maratona de São Silvestre, que ocorreu nas ruas da cidade de São Paulo e teve como organizador o Jornalista Casper Líbero, que promoveu o evento baseado em uma corrida noturna que presenciou na França. Dallari (2009) ressalta que, entre as décadas de 1970 e 1980, no Brasil, a corrida de rua era vista como uma prática militarista,

destinada a corredores de alto rendimento. Podemos, portanto, entender que, a partir da década de 1980, houve algumas mudanças na questão cultural da corrida de rua. A prática dessa atividade estendeu-se para os corredores amadores.

Nota-se que a corrida de rua tem demonstrado ser um fenômeno sociocultural contemporâneo, fato este devido ao grande número de adeptos a essa prática. Podemos ter como referência a tradicional Corrida Internacional de São Silvestre. Segundo o Portal São Silvestre, a 1ª edição da Corrida ocorreu no ano de 1925 e contou com 60 inscritos, mas apenas 48 participaram. Entretanto, os 48 participantes da edição inicial transformaram-se em cerca de 30 mil corredores¹⁰ em sua última edição, sendo de número 91, realizada no dia 31 de dezembro de 2015. Segundo o Portal São Silvestre, o evento reuniu corredores de 37 países e de todos os estados do Brasil. O Brasil é considerado um país privilegiado, por ter uma prova reconhecida pela Confederação Internacional de Atletismo. A corrida de São Silvestre é a mais antiga do mundo a ser realizada sem interrupção todos os anos.

Figura 8: Corrida de São Silvestre 1925



Fonte: Paulo Pinto

¹⁰ De acordo com o Regulamento São Silvestre 2015, foram disponibilizadas 160 vagas para os corredores de Elite.

Figura 9: Corrida de São Silvestre 2015



Fonte: Nelson Antonie

É possível ressaltar a adesão dos corredores à prática da corrida de rua, haja vista que, por onde andamos, podemos observar alguém praticando a corrida. Os corredores utilizam, além da rua, espaços públicos de lazer como praças, represas e parques para realizarem seus treinos diários. Os eventos de corrida de rua são, em geral, realizados na rua. Marcellino (2002) chama a atenção para o fato de que a rua é uma possibilidade de espaço para o lazer. Embora a rua se caracterize como um equipamento não-específico de lazer¹¹. Mesmo assim, é possível aproveitar os fins de semanas, por exemplo, para impedir o tráfego de carro em determinada rua, utilizando-se este espaço para a realização de atividades de lazer.

Os eventos das corridas de rua geralmente acontecem aos fins de semana, tendo o espaço da rua fechado para a realização do evento. A dimensão do impedimento do tráfego de carros é de acordo com os quilômetros da prova. Segundo Frúgoli Jr. (1995, p. 12):

¹¹ Marcellino (2007), aponta a rua sendo um equipamento não-específico de lazer, por ser um espaço que não foi construído de modo específico para essa função, mas que eventualmente pode cumpri-la.

Certos espaços centrais da cidade são densos não só porque concentram atividades e grupos, mas também porque abrangem várias significações que, ao mesmo tempo, se entrecruzam, complementam-se, contradizem-se.

Esses eventos que interditam as ruas têm sido motivo de polêmica em São José do Rio Preto, levando algumas pessoas ligadas ao poder público a tentar medidas rigorosas, como a proibição dos eventos de corrida de rua que impedem o tráfego de carros. Todavia, uma maior parcela do público entende que isso não deve ser feito. A ocupação das ruas como espaço público para a vivência das atividades no contexto do lazer e consumo, na contemporaneidade, requer uma certa compreensão a partir das trajetórias de seus frequentadores. Essa compreensão parte de alguns pressupostos que correspondem a representações simbólicas. Heitor Frúgoli Jr. (1995) faz algumas ressalvas sobre a apropriação da cidade, na tentativa de articular as relações com a cultura.

A apropriação da cidade por parte dos múltiplos grupos sociais é uma delas. Importa saber como diferentes atores ocupam os espaços públicos, modificando-os, adaptando-os e subordinando-os às suas necessidades específicas (FRÚGOLI JR. 1995 p.8).

Os espaços públicos de lazer representam para a população um local de funções sociais e culturais, que favorece a sociabilidade entre as pessoas. As corridas realizadas em praças, parques e represas favorecem os treinos dos corredores, não apenas para aqueles que desejam participar de eventos relacionados à corrida de rua, mas também para aqueles que utilizam deste espaço apenas para praticar a corrida e desfrutar da paisagem e estrutura que tal espaço proporciona. Como podemos ver na foto 7.

Figura 10: Lago Il Represa Municipal de São José do Rio Preto



Fonte: Diário da Região

Ao nos reportarmos à corrida de rua, na Represa Municipal de São José do Rio Preto, fez-se necessário contemplarmos a questão do “espaço”. Consideramos o espaço urbano como algo essencialmente expressivo, por meio de um conjunto de representações. Para darmos conta das questões relacionadas ao “espaço”, recorremos ao Magnani (2007, p. 320), que descreve sobre as categorias “pedaço” e “espaço”.

Pedaço designando um espaço intermediário entre o privado e o público, onde se desenvolve a sociabilidade básica, mais ampla, densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade; as manchas, áreas contíguas do espaço urbano permeadas por equipamentos e espaços que marcam seus limites e viabilizam uma atividade ou prática predominante.

Dessa forma, ao nos reportarmos à corrida de rua, não estamos apenas descrevendo uma atividade física¹², mas sim ampliando o conhecimento sobre essa prática corporal¹³ e considerando os significados que os sujeitos

¹² Segundo Caspersen (1985), atividade física é qualquer movimento corporal, produzido pelos músculos esqueléticos, que resulte em gasto energético maior que os níveis de repouso.

¹³De acordo com Bracht (1999), as práticas corporais são fenômenos que se mostram, prioritariamente, ao nível corporal e constituem-se como manifestações culturais de caráter lúdico, como os jogos, as danças, as ginásticas, os esportes, as artes marciais e acrobacias, entre outras práticas sociais.

atribuem a ela. Esses significados podem ser diversos e podem estar relacionados ao lazer, à possibilidade de convívio social, à qualidade de vida, ao desafio, etc. Essa prática contribui para a formação de uma nova cultura. Nesse sentido, pode-se apontar a facilidade de vivenciar essa prática, considerando que não depende de equipamentos específicos, ou um espaço físico específico, por ser praticada a qualquer hora e em qualquer lugar. Diante desses apontamentos, torna-se fundamental entender o que leva, de fato, as pessoas a aderirem a essa prática.

Segundo Dallari (2009), a corrida de rua é caracterizada como uma prática esportiva que vem se desenvolvendo e contagiando uma grande parte da população contemporânea. Foi a partir de 1990 que a modalidade ganhou impulso e se consolidou nas últimas décadas, passando a ser vista como uma prática cultural urbana. Há um crescimento em número de corredores e de eventos relacionados à corrida de rua. O número de corredores envolvidos nestes eventos, praticando a corrida em parques, represas, entre outros lugares, vem se tornando cada vez mais expressivo.

Mesmo sendo uma prática individual, nada impede que a corrida de rua seja um momento de se relacionar com outras pessoas. Franco (2010) expõe o fenômeno da sociabilidade como um dos principais fatores no aumento dessa modalidade, já que os trabalhos em equipe são fundamentais para manter o entusiasmo e servir como apoio durante momentos difíceis em uma corrida de rua. Além disso, há o prazer em estar em contato com outras pessoas, que compartilham da mesma vivência. Esses encontros podem proporcionar uma melhor relação do corredor com a própria prática.

Segundo Bickel et al (2012, p.2), na perspectiva do lazer, a corrida de rua é uma prática comum entre os grupos de corrida. Ela representa a integração e o processo de colaboração que os indivíduos possuem. Camargo (1980) descreve que quem consegue observar as ruas das cidades além dos fluxos dos veículos, de toda movimentação de pessoas e dos perigos, pode observá-la no sentido de atender as necessidades de contemplação e de encontro dos indivíduos. Magnani (2000) afirma que: “[...] a cidade oferece também lugares de lazer, que seus habitantes cultivam estilos particulares de entretenimento, mantêm vínculos de sociabilidade e relacionamento, criam modos e padrões culturais diferenciados”.

Podemos partir de um olhar antropológico, apoiando-nos em Magnani (2000), que ressalta a importância do reconhecimento da diversidade cultural e os valores envolvidos durante a prática da corrida de rua. Entretanto, esta prática nos instiga a um estranhamento relacionado à rua. Podemos nos perguntar: o que este cenário denominado “rua” proporciona aos corredores que passam algumas horas do seu dia ou da sua semana inseridos nesse contexto?

Tudo depende da representação que os corredores fazem da rua. De acordo com Magnani (1993, p. 2), “a rua, às vezes, se transforma e vira outras coisas: vira casa, vira trajeto devoto em dia de procissão, local de protesto, de fruição em dia de festa. As vezes vitrine, outras é palco, lugar de trabalho ou ponto de encontro. ”

Frehse (2009) ressalta a apropriação das ruas como uma possibilidade de relações dos indivíduos com determinados locais. O autor descreve sendo uma caracterização vaga, mas que serve como ponto de partida para uma possível reflexão sobre os significados.

De acordo com Frehse (2009, p. 152):

Refletir sobre os significados de “uso de rua” nos estudos urbanos acarreta, pois, em primeira instância, considerar que estão em foco os vínculos dos indivíduos com os locais das cidades modernas potencialmente mais receptivos à diversidade humana. Essa diversidade social e cultural constitui o referente básico de significados socialmente compartilhados (e disputados) acerca desses lugares. Portanto, interferirá nas relações dos indivíduos com tais locais e, especificamente, nos usos da rua.

Pressupõe-se, assim, a valorização da interpretação dos significados dos relacionamentos sociais nas ruas a partir da ideia de que esses espaços, no caso a “rua”, se convertem em dispositivos agregadores de processos culturais, permitindo a convivência de diferentes estilos de vida.

Segundo *Runner's World* (2010), as corridas de rua, além de favorecerem o mercado lucrativo, apresentam mais de 6 milhões de adeptos, considerando apenas o Brasil. Estes dados estatísticos, demonstram o quanto a população está aderindo à vivência da corrida de rua. Partindo dessa perspectiva, faz-se premente investigar os possíveis significados e valores atribuídos à essa prática pelos corredores.

Weineck (1991) destaca algumas peculiaridades da corrida de rua, principalmente a questão da fácil acessibilidade. O autor destaca outros fatores como o baixo custo e a independência dos praticantes. Ao considerarmos a independência do corredor, por depender apenas de si, a corrida permite alcançar um conhecimento do próprio corpo, caracterizando-se como uma atividade relevante na perspectiva do lazer. Neste mundo competitivo, repleto de esforço, tensão e inquietudes, correr pode ser uma vivência que proporciona prazer e bem-estar ao praticante.

Silva (2009) descreve cinco perfis dentro dos quais o corredor de rua pode ser classificado. O autor primeiramente descreve o corredor desafiador, corredor este que busca na corrida superar e testar seus limites. Este perfil de corredor viabiliza o tempo e a distância de uma prova, e o que vale é vencer a qualquer custo; o corredor amador é visto como aquele que ama praticar a corrida de rua, tem como seu maior prazer correr, não se importando com o ritmo com que realizou o percurso, pois encontra nesta vivência da corrida de rua uma paz de espírito e, quando deixa de praticar a corrida, apresenta alterações de humor, tendo a necessidade de ter este momento; o corredor social, procura durante os treinos ou até mesmo nos dias de provas, se relacionar com os amigos, estar em contato com outras pessoas. O que interessa para este tipo de corredor é correr com quem gosta. O corredor pensador busca encontrar, na prática da corrida de rua, momentos de reflexões para sua vida. Geralmente, este corredor realiza seus treinos individualmente e usa a corrida como uma descarga das tensões adquiridas em sua rotina. Por fim, o corredor que procura correr calculando seu gasto calórico. Contudo, é possível relacionar os perfis com os valores e significados atribuídos à corrida de rua, pois, para cada corredor, existe um sentido para estar vivenciando essa prática. Ao nos reportarmos aos perfis dos corredores, não podemos deixar de evidenciar a relevância da diversidade na vida dos corredores, ainda que existam semelhanças entre os corredores, existe também a diversidade, e isso é o que parece motivá-los em suas corridas. Nesse sentido, podemos encontrar corredores que têm uma mescla de perfis, como ser desafiador e pensador, por exemplo.

Magnani (2000, p 17) ressalta o estudo de um determinado tipo de sociedade: “Se um *optimum* de diversidade é condição permanente do

desenvolvimento da humanidade, podemos estar certos que dessemelhanças entre as sociedades e grupos não desaparecerão senão para se reconstituir em outros planos”. No que se refere à diversidade, trata-se de um processo dialético que envolve uma apropriação individual, a partir do qual o corredor configura valores culturais, transformando a si próprio. É possível dizer que essa apropriação de valores culturais surge como um sinalizador, que constitui um elemento que agrega os significados à própria imagem.

Segundo Silva (2009), as provas de rua podem ser disputadas nas mais variadas distâncias. Existem corridas de diferentes quilômetros; as mais comuns são as corridas de 5 km, 6 km, 7 km, 10 km, 21 km e corrida de revezamento de 21 km. Em especial, nesta última, além do corredor estar vivenciando o conteúdo físico, a mesma proporciona a vivência do conteúdo social entre os próprios integrantes da equipe. A corrida de revezamento de 21 km pode ser realizada em duplas, cada corredor corre 10,5 km, ou, em trios, cada corredor corre 7 km. Existe também a mais nobre das provas de corrida de rua, a maratona, a qual os corredores percorrem 42.195 metros.

As maratonas são populares em todo o mundo e, a cada ano que passa, aumenta significativamente o número de corredores participantes. Runner's World (2010) apresenta que, nos últimos dez anos, os números de inscritos em provas aumentaram em quase seis vezes. Para este novo público consumidor, não basta correr, o esporte tem que ser praticado com estilo. O corredor exige cada vez mais inovações tecnológicas nos produtos que possam lhe permitir melhora na performance e prevenção de lesões. Com isso, as marcas estão investindo muito na melhoria dos produtos nesse campo. Os empresários voltados para esse segmento passaram a oferecer tênis cada vez mais modernos,

camisetas com tecnologias que melhoram a regulação térmica do corpo e circulação, relógios personalizados e adequados à corrida, entre outros produtos similares.

De acordo com Soares (2011), os atos de cobrir ou adornar o corpo constituem traços de distinção e singularidade de cada cultura e sociedade. Os significados das vestimentas ultrapassam a necessidade da proteção do corpo; existe uma importante relação entre o corpo do sujeito e a roupa.

Com as inovações dos produtos, as mudanças nas preferências dos corredores e, conseqüentemente, na produção industrial no campo da corrida, houve o aumento do consumo desses produtos. Soares (2011) afirma que a forma como os sujeitos se vestem e se adornam expressam posições sociais, sexo, idade, classe social, cultura, condições de higiene, costumes, posição política ou religiosa de cada época e sociedade, revelando seu valor de mercado e uso.

Figura 11: Acessórios de corrida de rua



Fonte: Google

O forte investimento da mídia destinado à corrida de rua contribui na perspectiva do interesse pela prática dessa modalidade. Dentro dessa perspectiva do aumento do número de corredores, a mídia tem uma grande influência na questão de motivação dos participantes. Existem diferentes tipos de propagandas relacionadas à corrida, desde as marcas de tênis, camisetas, relógios, acessórios em geral, veiculadas pela televisão, em *outdoors*, jornais, revistas especializadas, que são voltados à saúde e prática de atividade física, *blogs* e *sites* promovendo a corrida de rua. A corrida de rua, ao ser transmitida pela mídia, difunde diferentes valores e significados, instigando os sujeitos à busca por mudanças de hábitos de vida, forma do corpo, de modo a incentivar modelos corporais voltados à forma física e consumo de produtos.

De forma geral, essas propagandas contribuem para o aumento do conhecimento da corrida de rua, despertando a curiosidade e o interesse nas pessoas em praticarem a corrida de rua. Segundo Lopes da Silva (2003, p. 1), “os praticantes de atividades físicas recebem influências de seu meio cultural e são influenciados pelas mensagens transmitidas pela mídia”.

A perspectiva das empresas no mundo da corrida de rua contribui para o aumento do número de corredores. As assessorias esportivas são um exemplo bem-sucedido de investimento nessa tendência, elas promovem a avaliação física, montagem e acompanhamento dos treinos. Também é feito um planejamento individual para cada corredor, de acordo com seus objetivos. Além de oferecerem suporte antes e após a prova, as assessorias contribuem para maior facilidade ao corredor como: a emissão dos boletos das corridas que necessitam de pagamento para poderem participar e consulta aos resultados das provas de rua. Essas assessorias oferecem alimentação e reposição hídrica.

Além da tenda montada no local da largada, existem profissionais distribuídos ao longo do percurso, oferecendo água e dando suporte, se for preciso, como assistência médica. As tendas são montadas não apenas em dias de eventos; elas estão presentes na Represa Municipal de São José do Rio Preto em treinos diários, com um profissional da área de Educação Física, que disponibiliza equipamentos para favorecer o condicionamento físico e dispõe de todo apoio técnico para a efetivação do treino, sendo ele individual ou em grupo. De fato, as assessorias esportivas propõem alguns recursos que são usados em treinamento de alto rendimento. Temos, como exemplo, a própria ideia da periodização, mas consideramos que essa postura tem o objetivo de proporcionar um maior conhecimento para o corredor, já que isso pode auxiliá-lo a manter uma rotina de treinos de corrida e participação em eventos.

Os corredores, membros das assessorias esportivas, usam uniformes, tendo estampado nas camisetas o nome e o logotipo da assessoria. Partimos do pressuposto de que, por mais que os eventos de corrida de rua distribuam *Kits* (com medalha de participação, camiseta do evento e *chip*¹⁴), os membros optam por usar a camiseta da assessoria da qual fazem parte.

Podemos descrever que o uso de equipamentos e vestuários específicos para a corrida de rua se tornam importantes para a identificação da imagem do corredor. Esses equipamentos auxiliam na análise do objetivo de cada corredor, como, por exemplo, o uso de bonés, tênis, relógios, meias de compressão, shorts, entre outros equipamentos. O consumo desses artigos, segundo Segalen (2002), podem ser símbolos compartilhados entre corredores.

¹⁴ Os *chips* de cronometragem revolucionaram as corridas de rua, tornando-se indispensáveis mesmo até nas competições mais simples. É por meio do chip que a organização e os próprios atletas têm suas marcas exatas registradas para fins de premiações ou somente para controle do tempo percorrido por cada um.

Sendo assim, os produtos e serviços voltados para essa prática se multiplicam e, em especial, os eventos, ganhando cada vez mais espaço na mídia e na adesão da população. Com essa influência é possível despertar os não praticantes à curiosidade e vontade de iniciar esta prática.

Assim, são criados novos produtos e, conseqüentemente, novas formas de competição entre o mercado esportivo. Portanto, considerando o crescimento dos corredores, podemos ressaltar a alta demanda pela compra de produtos e serviços considerados como auxiliares da prática da corrida de rua. De fato, as pessoas estão buscando cada vez mais experiências e sensações diferentes, que parecem estar intimamente envolvidas com mercado de produtos relacionados à corrida de rua. Embora, também, exista uma parcela de corredores que não consomem de modo exacerbado esses produtos.

Nesta perspectiva, podemos considerar a colocação de Betti (2005), que descreve a vasta indústria do entretenimento. Segundo o autor (Betti, 2005, p. 84) o entretenimento:

[...] é parte da indústria cultural e tornou-se fator agregado a serviços e produtos – é o lazer transformado em mercadoria. O entretenimento não está mais separado do mundo do trabalho e transformou-se em parte significativa da existência, sob a forma de esporte, cultura, turismo ou educação, associado ao grande capital, às mídias e às novas tecnologias da comunicação.

Quando pensamos no mundo do entretenimento, podemos ressaltar a variedade de perspectiva no que se refere ao campo do lazer. Podemos dizer que o entretenimento é algo novo, sendo denominado como atividade programada e, na maioria das vezes, paga. A corrida de rua tem uma estreita relação com o entretenimento, uma vez que mensalmente acontecem eventos envolvendo a corrida de rua, com grande número de participantes que se distraem e se entretêm com a participação no evento.

A corrida é uma prática democrática, uma vez que, por mais que existam tênis caros, que proporcionam maior conforto e auxiliam o corredor, o sujeito não precisa necessariamente do tênis mais caro ou do relógio mais sofisticado para poder praticar a corrida com satisfação. Podemos considerar os fatores históricos da corrida de rua, lembrando que os atletas de elite, com raríssimas exceções, vêm de famílias bem humildes. Ressaltamos a corrida como democrática, porque pode ser praticada por qualquer pessoa, individualmente ou em grupo; ou seja, não precisa de um adversário ou de uma segunda pessoa para praticá-la, basta apenas querer correr. A corrida de rua faz parte da vida das pessoas que a praticam. Além do mais, tem demonstrado ser uma manifestação cultural do país. Nesse sentido, podemos apontar o grande número de adeptos a esta prática e ressaltar a diversidade dos corredores, sendo eles dos mais diferentes níveis técnicos, que participam dos mesmos eventos de corrida de rua. Como exemplo, os corredores podem competir contra o próprio tempo, na busca por melhorias em sua marca, ou mesmo praticar a corrida como lazer. O que define o lazer é o tempo disponível e a livre escolha da atividade a ser vivenciada. Sendo assim, mesmo o corredor que tenta diminuir seu tempo, que tem uma periodização de treinos e uma rotina de atividades, consideramos isso também como parte de uma prática realizada no tempo disponível.

Podemos nos apoiar em Marcellino (1999), em seu livro “Para tirar os pés do chão: corrida e associativismo”, no qual ele descreve o grupo dos corredores Unidos de Campinas. O autor ressaltava a relação do conteúdo físico e o conteúdo social do lazer. O autor atribui ao texto questões relacionadas à atividade física, ao lazer e a corrida de rua, inseridos em contexto social.

Segundo Macedo (1984), os significados dão sentido à vida e a existência, e esta questão cultural não pode estar direcionada apenas ao “produto” da prática humana, ou seja, não pode estar relacionada à corrida de rua de forma isolada, mas, sim, ao processo que envolve essa prática.

Ao considerar nossa sociedade contemporânea urbano-industrial, podemos relacionar ao modismo influenciado pela indústria cultural e às novas formas de socialização ligadas à população. Fonseca (2012) descreve que o crescimento do número de praticantes de corrida de rua se deve ao fato de algumas peculiaridades da corrida, como, por exemplo, por ser uma modalidade democrática, como já mencionada anteriormente, e que não exige nenhum tipo de habilidade específica, caracterizando-se como uma prática relevante na perspectiva do lazer.

Segundo Vanucci (2012), a corrida de rua se destaca como uma das modalidades esportivas mais praticadas no Brasil, com aproximadamente 30 milhões de adeptos, e é classificada como o segundo esporte mais praticado no país. A corrida de rua, ao se mostrar como uma manifestação cultural contemporânea, possibilitou um diferencial para a função social da rua, como meio favorável à interação entre pessoas desconhecidas. Com esta aproximação, os corredores pressupõem o desenvolvimento pessoal e social. A modalidade possibilita que seus praticantes tentem superar seus próprios limites, seja baixando seu tempo, seja aumentando a distância, o que exige disciplina e regularidade.

Diante do fenômeno em que se transformou a corrida de rua, surge a inquietude de analisarmos o motivo pelo qual as pessoas procuram a corrida de rua como uma prática realizada no tempo disponível. Para Santos (1987), os

corredores, ao se agruparem para uma prática coletiva, buscam estabilizar a convivência por meio de costumes e tradições.

Cada realidade cultural tem sua lógica interna, a qual devemos procurar conhecer para que façam sentido as suas práticas, costumes, concepções e as transformações pelas quais estas passam. É preciso relacionar a variedade de procedimentos culturais com os contextos em que são produzidos [...] (SANTOS, 1987, p. 8).

O autor ressalta as técnicas próprias da cultura, podendo ser transmitidas de geração para geração e carregadas de significados específicos corporais, como a maneira de se comportar em sociedade.

Assim, como há os significados atribuídos à corrida de rua, há também a questão dos significados atribuídos à rua. Magnani (2000, p. 38) aponta:

Ruas, praças, edificações, viadutos, esquinas e outros equipamentos estão lá, com seus usos e sentidos habituais. De repente, tornam-se outra coisa: a rua vira trajeto devoto em dia de procissão; a praça transforma-se em local de compra e venda; o viaduto é usado como local de passeio a pé; a esquina recebe despachos e ebós, e assim por diante. Na realidade são as práticas sociais que dão significados ou ressignificam tais espaços [...].

O autor retrata que os significados atribuídos a algum espaço podem ser transformados com o passar do tempo, sendo evidente que algumas práticas sociais permitem novos recortes e despertam diferentes significados. Existem algumas semelhanças na prática da corrida de rua, mas além das semelhanças ou diferenças físicas, existe um conjunto de significados que cada sociedade relaciona à prática, significados esses que definem o porquê dessa vivência.

Na busca da compreensão dos significados dessa prática cultural contemporânea, que é a corrida de rua, pretendemos proporcionar um breve olhar sobre a corrida de rua como manifestação cultural, com participação de homens e mulheres, em diversas faixa etárias, e o modo como tal prática pode contribuir

como experiência urbana favorável à sociabilidade. Entendendo-se que a corrida de rua está fortemente presente na contemporaneidade, pressupõe-se que os espaços destinados à prática dessa vivência se tornam complexos, sendo premente relacionar os fatores econômicos, políticos e sociais à prática da corrida de rua.

Nesse sentido, Magnani (1993) descreve a corrida de rua como um suporte de sociabilidade para os corredores, sendo que a rua adquire significados para além do senso comum. Ela se estabelece como ponto de encontro entre desconhecidos. É assim que a corrida, que tem a rua como palco e cenário de sua manifestação, possibilita aos corredores o fenômeno da sociabilidade urbana. Esta deve ser capaz de romper com as barreiras sociais, culturais e econômicas que, em outras situações do cotidiano, se erguem imponentes e intransponíveis entre os indivíduos. O autor também ressalta que, ao desfrutar dessa prática comum, existe um compartilhamento, uma troca de experiências, estando elas relacionadas aos aspectos simbólicos. As trocas de experiências, contudo, facilitam as relações sociais, que compartilham informações globais. Assim, é construído um vínculo entre a casa e a rua, sendo, este último, local de sociabilidade. Compreender a corrida de rua como expressão de uma experiência urbana que se manifesta como prática cultural, que se insere além de uma modalidade esportiva, contribui para uma melhor compreensão dos seus significados. Para tanto, torna-se fundamental que a corrida de rua seja vista como símbolo representativo de valores, condutas, usos e costumes que se manifestam no contexto de uma pluralidade sociocultural tipicamente urbana.

Geertz (1989) ressalta que o conceito de cultura está relacionando à construção de uma rede de significados tecida pelos grupos sociais e sua

interpretação. O autor define a cultura como uma ciência interpretativa em busca de significados. Pensar a cultura implica interpretar esses significados. Diante dessa perspectiva, podemos compreender que o ser humano é a síntese de elementos biológicos, sociais, psicológicos e culturais. O autor descreve que estudar o ser humano é identificar suas diferenças e particularidades.

Nesse sentido, fica evidente a necessidade de interpretarmos os significados da corrida de rua para os corredores da Represa Municipal de São José do Rio Preto, além dos fatores biológicos. Há a necessidade de compreendermos as questões humanas, dissociando os diferentes aspectos que constituem o ser humano, inserido em certo contexto cultural.

Para a compreensão dos significados da corrida de rua para os corredores da Represa, é necessário identificar as condições e história de vida dos corredores, suas emoções, suas expressões, seja em treino, seja nas competições, compreender a relação entre o corredor e a corrida de rua. Trata-se, portanto, de uma “descrição densa¹⁵” da cultura dos corredores da Represa Municipal. Dessa maneira, é possível compreendermos a corrida de rua como uma expressão cultural.

Apesar das contribuições que a corrida traz a seus praticantes (como a melhoria da condição física), pressupõe-se que este não é o único aspecto que leva o grande número de pessoas a aderir à corrida de rua. Esta prática é conceituada como uma atividade de sociabilidade, que engloba os valores relativos ao lazer, sendo realizada no tempo disponível. Ao considerarmos o convívio entre as pessoas, o relacionamento pessoal, é possível relacionar a corrida de rua aos conteúdos culturais do lazer.

¹⁵ Geertz (1989)

No próximo capítulo, trataremos da corrida de rua e os conteúdos do lazer na atualidade.

5 A CORRIDA DE RUA E OS CONTEÚDOS DO LAZER NA ATUALIDADE

A relevância deste capítulo se dá pelo detalhamento das relações entre a corrida de rua, a cultura e o conteúdo físico do lazer. Ao reconhecermos o lazer como um fenômeno sociocultural contemporâneo, o qual nos proporciona uma gama de discussões, podemos perceber as distintas formas de contextualizá-lo e compreendê-lo. Apesar da diversidade dos conteúdos culturais do lazer, iremos restringir, neste tópico, uma discussão acerca dos interesses físicos relacionados à corrida de rua. Entretanto, percebemos o quanto se faz necessário abordarmos, inicialmente, a profunda relação desse interesse com o lazer. Segundo Isayama (2007), as atividades físicas e esportivas foram marcadas como uma estratégia para favorecer os momentos de descontração, vivências alegres e espontâneas, proporcionando aos sujeitos momentos prazerosos.

Elias e Dunning (1992, p. 116) argumentam que: “[...] a excitação é, por assim dizer, o condimento de todas as satisfações próprias dos divertimentos”. Nesse sentido, cabe ressaltarmos a relação entre o lazer e o prazer, devendo ser vivenciado no tempo disponível das obrigações familiares, profissionais, sociais e religiosas, além do mais, favorecer o divertimento, o descanso e o desenvolvimento pessoal e social. Dessa forma, podemos nos apoiar em Marcellino (2007), quando o autor aponta os 3Ds do lazer: o descanso, o divertimento e o desenvolvimento pessoal e social. Atualmente, tornou-se comum encontrarmos pessoas praticando a corrida, seja em praças, parques, ruas ou avenidas. Podemos considerar que esses corredores buscam na corrida de rua uma forma de vivenciar o lazer. Sendo assim, iremos enfatizar os interesses físicos do lazer, associados à corrida de rua. A partir da discussão dos

interesses físicos do lazer, podemos observar as notas dos jornais, os comerciais televisionados e os *outdoors* que são evidências de que a corrida de rua é um fenômeno sociocultural de grande relevância na sociedade contemporânea.

A partir do pressuposto com que o lazer é visto e inserido neste fenômeno sociocultural, que proporciona, segundo Marcellino (2007), o descanso, o divertimento e o desenvolvimento pessoal e social, podemos destacar na corrida a possibilidade das trocas de experiências entre os corredores, além de ser um importante instrumento para favorecer os corredores a vivenciarem experiências relacionadas ao divertimento e desenvolvimento pessoal e social.

Ao considerarmos as expectativas e concepções estabelecidas na contemporaneidade, podemos perceber o quanto as pessoas associam o lazer ao interesse físico. Isayama (2007, p. 32) descreve:

Nesse contexto, observo que, na atualidade, as atividades físicas e esportivas são uma das possibilidades de lazer mais difundidas em nosso meio, tanto no que concerne à vivência quanto à assistência de jogos, participação em atividades físicas, bem como em competições esportivas.

Nesse sentido, é interessante notar que o autor comenta a relação do lazer com o conteúdo físico, considerando a facilidade que as pessoas têm ao acesso desse conteúdo, talvez por não terem oportunidade de vivenciar outros conteúdos do lazer.

Com relação à corrida de rua como uma manifestação cultural, é interessante notar que, quando vemos alguém correndo em um parque ou em uma represa, por exemplo, podemos observar que, além do aspecto biomecânico, existe um conjunto de significados que estão intimamente relacionados à prática da corrida de rua. Podemos ressaltar as atividades físicas e esportivas como uma possibilidade de lazer, uma vez que a prática da corrida de rua está diretamente

envolvida com as atividades que geram satisfação aos sujeitos. Partimos do pressuposto de que, durante a prática dessa atividade, o corredor está desprovido das obrigações profissionais, sociais e familiares. Portanto, podemos descrever, com base nos estudos de Isayama (2007), que a vivência dos conteúdos de lazer, em especial o físico, deve ser considerado o equilíbrio entre a prática e o consumo. Além disso, o mesmo autor afirma que, em nossa realidade contemporânea, as atividades físicas e esportivas apresentam-se como uma das possibilidades de lazer que mais se destacam perante a população, não somente como prática, mas também no que se relaciona a assistência, como assistir a um jogo, de distintas modalidades. Sendo assim, podemos contextualizar este campo como uma manifestação cultural que está diretamente relacionada ao movimento corporal.

De acordo com Ferreira (2011, p. 25), com relação ao conteúdo físico do lazer:

Não se trata apenas das práticas de exercícios físicos e esportes, mas de uma participação voluntária nas atividades relacionadas à cultura física, com um enfoque também, para a assistência ao espetáculo, podendo-se dizer que seja este o conteúdo mais procurado e acessado, justificando-se pela influência dos meios de comunicação, o elemento central de tal conteúdo é caracterizado pelo prazer em movimentar-se, ou assistir à movimentação de corpos.

Nessa perspectiva, compreendemos que a vivência desse conteúdo físico do lazer, a partir da corrida de rua, contribui para as ações individuais e coletivas emergentes na sociedade que, de alguma forma, irão ajudar em diversas práticas socioculturais. Deste modo, as vivências no âmbito do lazer favorecem a troca de experiências, pois proporcionam o encontro de diferentes pessoas com interesses comuns.

De acordo com Lazzarotti (2010), a corrida de rua muitas vezes é popularizada por ser atribuída à eficácia de manter o corpo saudável. O autor ressalta que a corrida de rua está entre os dez melhores exercícios físicos para as pessoas praticarem. Nesse sentido, devemos considerar a questão funcionalista da corrida de rua, uma vez que, nessa perspectiva supracitada, a mesma é vivenciada pelos sujeitos de forma compensatória. Ao considerarmos a prática da corrida de rua como manifestação cultural, estamos revendo a concepção funcionalista. Assim, torna-se essencial uma inter-relação entre os valores e sentidos atribuídos a esta prática.

De forma geral, estabelecer a relação da corrida de rua com o lazer representa um desafio, como, por exemplo, rever a concepção de lazer como recuperação para trabalho. Faz-se necessário considerar a prática da corrida de rua, além da visão funcionalista, uma vez que, a partir dessa prática, é possível vivenciar a cultura no tempo disponível das obrigações familiares, sociais, profissionais, dentre outras.

Isayama (2002, p.63) faz uma crítica à visão tradicional, funcionalista do lazer e ressalta a importância de vivenciarmos diversas práticas culturais. O autor destaca a necessidade de termos um conhecimento ampliado dessas práticas, pela “análise dos significados sociais, pedagógicos e culturais, por elas incorporados na nossa realidade”. Nesse sentido, o autor aponta a necessidade de vivenciarmos as diversas atividades relacionadas ao campo do lazer, independente das diferenças culturais que caracterizam cada grupo social. Sendo assim, faz-se premente ressaltarmos os valores atribuídos à prática da corrida de rua, ir além do entendimento de estar apenas relacionada a “válvula de escape” das frustrações adquiridas no cotidiano. Assim, vemos como fundamental os

sujeitos terem acesso a uma ação pedagógica que possibilite aos mesmos terem acesso às discussões sobre lazer, assim como dos valores sociais.

A cultura está associada ao modo de vida dos indivíduos. No entanto, podemos afirmar que a cultura é condição essencial para a existência humana. Partimos do pressuposto das ações humanas simbólicas, que carregam e transmitem significados, possibilitando certa compreensão da corrida de rua pelos corredores da Represa Municipal de São José do Rio Preto.

Entendemos que a prática da corrida de rua, inserida no conteúdo físico do lazer possui uma dimensão cultural. Assim sendo, Marcellino (2004, p. 41) descreve:

Considero fundamental a busca do prazer no lazer, o que não impede sua caracterização como um dos canais de atuação, no plano cultural, tendo objetivos não meramente reformistas, mas que signifiquem mudanças radicais no plano social.

Segundo Nogueira e Motta (2014), as atividades do contexto do lazer, esportes e jogos de diversão constituem importantes tipos de consumo de experiência. Nesse sentido, ao descrevermos a corrida de rua inserida nos interesses físicos do lazer, podemos relacioná-la a um processo de renovação, transformação e ressignificação, ao ser vivenciada e praticada pelos corredores. Ao nos reportarmos ao conteúdo físico, temos de ressaltá-lo como opção de atividades do contexto do lazer, principalmente envolvendo a prática da corrida de rua.

A ampliação conceitual do conteúdo físico do lazer consiste na formulação reflexiva pela apropriação da produção cultural existente na sociedade. Partindo dessa perspectiva, no que se refere à esfera do lazer, existem alguns critérios relacionados aos conteúdos físicos. Isayama (2007)

aponta esses critérios, sendo o gênero, a faixa etária, as condições socioeconômicas, os níveis de habilidades, dentre outros. A partir desses critérios, podemos ressaltar que a corrida de rua é uma prática física que reúne uma diversidade de praticantes, uma vez que existem corredores homens e mulheres de diversas idades, com diferentes classes econômicas e com variados níveis de habilidades. Stigger (2002) propõe que a prática esportiva seja vista como um elemento cultural, que faça parte do cotidiano e dos estilos de vida das pessoas.

De acordo com Duarte Junior (2000, p. 169), “[...] a nossa atuação cotidiana se dá com base nos saberes sensíveis de que dispomos, na maioria das vezes, sem nos darmos conta de sua importância e utilidade”. Partimos do pressuposto de que a prática da corrida de rua proporciona experiências inovadoras, considerando que o corredor utiliza o mesmo espaço físico para correr todos os dias e, a cada novo dia, acontecem experiências inovadoras. É justamente por considerarmos a corrida de rua como um veículo para novas experiências, que reconhecemos as possibilidades das vivências no contexto do lazer. Nesse sentido, permitimo-nos pensar sobre os fatores que fazem os corredores praticarem diariamente esta atividade. Segundo Martins (2010, p. 58):

Estas formas de viver o lazer são construídas constantemente entre os indivíduos e movem seus interesses. Como prática cultural, estas manifestações carregam valores, normas e princípios que determinam a vida social, expressando os mais diversos significados.

No caso dos os corredores da Represa Municipal de São José do Rio Preto, partimos do pressuposto de que a opção do sujeito em praticar a corrida de rua está intimamente relacionada aos momentos de divertimento e desenvolvimento pessoal e social.

Fica claro em nossa discussão que a corrida de rua não se restringe apenas a um único conteúdo do lazer. Como, por exemplo, ao conteúdo físico do lazer, presente na maioria das atividades esportivas. A corrida de rua pode envolver, além do interesse físico do lazer, outros interesses, como o social e o turístico. Em especial, o social. A sociabilidade entre os participantes torna-se ampliada, na medida em que se estabelece o “gosto” em comum pela mesma atividade. Existe uma afinidade em relação aos interesses; com isso, as práticas corporais facilitam o relacionamento entre os sujeitos na esfera do lazer. Dessa forma, a corrida de rua proporciona ao corredor uma maneira agradável e libertadora de competir e traz uma sensação de superação. Nesse contexto, a corrida de rua promove a troca de experiências e favorece os relacionamentos interpessoais. Ao descrevermos a corrida de rua, percebemos, nessa prática, o “coletivo”. Embora a corrida seja uma prática individual, ela não é solitária. Segundo Murakami (2010), a sociabilidade que ocorre nos grupos de treinamento e em eventos foi descrita por muitos corredores como um elemento motivador para a prática.

De acordo com Magnani (2003), o compartilhamento de uma experiência urbana com ênfase nos aspectos simbólicos faz com que sejam criadas redes de relações, identidades locais que consomem e compartilham informações. Perceber o valor e a relevância atribuída à corrida de rua pelos corredores contribui para um melhor entendimento do interesse social no contexto do lazer. Este conteúdo também proporciona aos sujeitos uma visão mais crítica de sociedade, uma vez que favorece o desenvolvimento pessoal e social. Além do conteúdo físico e social, podemos considerar a corrida de rua associada também ao conteúdo turístico do lazer, uma vez que acontecem diversos eventos fora da

cidade que o corredor reside. Observamos, então, a questão dos passeios e viagens que os corredores vivenciam ao participarem dos eventos externos da sua cidade de origem. O virtual também está inserido na corrida de rua, uma vez que existem grupos em redes sociais de “grupo de corrida”, *blogs* que discutem os benefícios da corrida de rua e oportunizam o contato entre pessoas desconhecidas em diferentes partes do mundo. Além dos acessórios, como os relógios com GPS, sites e relógios interativos. Assim, a corrida de rua, inserida no contexto do lazer, pode constituir um canal para a discussão do lazer e seus diferentes conteúdos.

Na contribuição para uma maior relevância na construção do conhecimento dos conteúdos do lazer, citamos o pensamento de Geertz (1989, p. 24): “compreender a cultura de um povo expõe a sua normalidade sem reduzir sua particularidade”. Ao compreendermos os significados da corrida de rua para os corredores da Represa Municipal de São José do rio Preto, faz-se necessário considerarmos a particularidade de cada corredor associado a uma certa coletividade. Assim, a corrida de rua pode contribuir para o desenvolvimento de um ser humano integral, crítico e criativo, capaz de gerar valores de ordem social e cultural. Nesse sentido, consideramos a corrida de rua no contexto do lazer, um instrumento para criação e recriação de cultura.

6 O CAMPO NA REPRESA: OS SIGNIFICADOS DA CORRIDA DE RUA PARA OS PARTICIPANTES DA PESQUISA.

Foram entrevistados 40 corredores: 20 corredores do lago II e 20 corredores do lago III. Seus nomes foram substituídos por números em ordem crescente, para mantermos o sigilo dos mesmos, conforme o quadro 1:

Quadro 1 – Especificações dos entrevistados quanto ao gênero, profissão, idade, qual lago frequenta e assessoria esportiva.

ENTREVISTADO	GÊNERO	PROFISSÃO	IDADE	LAGO	ASSESSORIA
1	Homem	Profissional de Educação Física	25	III	Não
2	Mulher	Professora	57	III – II	Sim
3	Homem	Func. Público	35	III – II	Sim
4	Homem	Empresário	38	III	Não
5	Mulher	Cabeleireira	34	III	Não
6	Homem	Policial Militar	33	III	Sim
7	Homem	Policial Militar	38	III	Sim
8	Homem	Empresário	32	III	Não
9	Homem	Engenheiro	31	III	Não
10	Homem	Estudante	18	III	Não
11	Homem	Estudante	25	III	Não
12	Homem	Administrador	38	III	Não
13	Homem	Administrador	39	III	Não
14	Homem	Dentista	34	III	Não

15	Homem	Moto Boy	48	III	Sim
16	Homem	Soldador	26	III	Sim
17	Homem	Profissional de Educação Física	49	III	Sim
18	Homem	Advogado	67	III – II	Sim
19	Homem	Advogado	45	III	Sim
20	Mulher	Professora	49	III	Sim
21	Homem	Projetista	33	II	Não
22	Homem	Jogador de Futebol	18	II	Não
23	Homem	Engenheiro	23	II – III	Não
24	Mulher	Empresária	38	II	Sim
25	Mulher	Professora	54	II	Não
26	Mulher	Profissional de Educação Física	34	II	Não
27	Homem	Aposentado	66	II – III	Não
28	Mulher	Enfermeira	31	II	Não
29	Mulher	Advogada	38	II	Sim
30	Mulher	Estudante	20	II	Não
31	Homem	Jornalista	42	II	Não
32	Homem	Mestre de Obras	47	II	Não
33	Homem	Empresário	50	II	Não
34	Homem	Vendedor	32	II	Não
35	Homem	Médico	46	II	Não
36	Homem	Professor	38	II	Não

37	Homem	Servente de obras	29	II	Não
38	Homem	Professor	42	II	Não
39	Homem	Engenheiro	39	II	Não
40	Homem	Taxista	54	II	Não

O tratamento dos dados baseia-se na análise dos discursos dos entrevistados, de acordo com Geertz (1989), a partir dos princípios da etnografia.

Com relação ao gênero, foram entrevistados 31 homens e 9 mulheres. Esse número de homens entrevistados em relação à quantidade de mulheres, deu-se pelo fato de haver um maior número de homens disponíveis para as entrevistas em relação ao número de mulheres.

As respostas dadas na primeira questão (“Há quanto tempo você frequenta a Represa?”) foram semelhantes entre os entrevistados. Os entrevistados responderam entre dois e cinco anos. Tivemos em destaque três entrevistados, a entrevistada 2, que respondeu dez anos, o entrevistado 18, nove anos e o entrevistado 27, dez anos. Nenhum entrevistado mencionou correr há menos de um ano. Notamos que esses três entrevistados citados acima frequentam mais do que três vezes por semana a Represa Municipal.

Ao perguntarmos “você corre com maior frequência no lago II ou III?”, dezessete entrevistados responderam que correm somente no lago III. As respostas foram justificadas em relação a beleza natural do lago, melhor iluminação e segurança, devido à Guarda Municipal, e por maior facilidade em estacionar os carros.

Dezoito entrevistados responderam que correm somente no lago II. No geral, esses entrevistados responderam ter preferência pelo lago II, por haver

menor público de pessoas, ser mais arborizado, ter uma pista de caminhada e corrida maior e circular, além de ter subidas e descidas.

Apenas cinco dos entrevistados responderam que correm em ambos os lagos, sendo eles os entrevistados 02, 03, 18, 23 e 27. Eles alegaram, como justificativa, que correm em ambos os lagos nos dias que programam uma quilometragem maior do que a de rotina. Temos como exemplo:

“No final de semana a gente estende mais, porque meus longos são grandes. Aí o que que eu faço? Eu corro aqui e corro no lago II e chego até a estrada de terra” (Entrevistada 2).

“ Tem dia que eu dou uma variada, eu corro no lago II e no lago III. Geralmente, de semana, eu vou no II, e, às vezes, de final de semana, que eu faço longão, eu venho no III. Assim, a distância do percurso fica maior” (Entrevistado 3).

A Entrevistada 2 é ultramaratonista. Em julho de 2016, ela participou da Ultramaratona dos Anjos Internacional. Esta prova é realizada na cidade de Passa Quatro, em estradas de terra encravadas nas montanhas de Minas Gerais. A mesma correu 235 km, com duração de cinquenta e oito horas correndo sem parar.

“Essa prova é muito difícil, extremamente difícil, mas é muito bonito o lugar em Passa Quatro, Minas Gerais. Tem uma natureza intocável, aquelas águas que você vê pura nascendo, que não têm poluição nenhuma. O lugar é muito lindo! Nós chegamos há 2.000 metros de altitude. Foi fantástico, mas é muito difícil. Mas eu falo: eu aprendi muito, aprendi demais com essa prova, Nossa, muita coisa na minha vida, eu falo que sou outra pessoa depois dessa prova. Muitas coisas que a gente valoriza não tem sentido valorizar, e outras coisas que, às vezes, precisam ser valorizadas, passam despercebidas por nossas vidas” (Entrevistada 02).

De acordo com Newshlme (2006), pensar a corrida de rua como uma experiência, além de uma modalidade esportiva, é a possibilidade de compreender seus significados. Para essa corredora que mencionamos acima,

participar dessa maratona foi ir além de todas as experiências que ela havia vivido até a sua efetiva participação no evento. Dallari (2009) ressalta o componente da superação como um dos principais elementos da corrida de rua. Uma vez que, ao correr, os sujeitos fazem um exercício de conquista subjetiva, de ir mais além, de poder e de conseguir.

Na questão dois (“Por que você frequenta a Represa?”), a beleza natural da Represa, em ambos os lagos, foi citada como principal fator atribuído à frequência ao lugar. Além do convívio com outras pessoas e a possibilidade de fazer novas amizades. Notamos que, por mais que existam quiosques, academias ao ar livre e ciclovia à disposição dos frequentadores da Represa, a pista de caminhada/corrída é onde predomina o maior fluxo dos frequentadores. Os entrevistados 19, 20 e 21 deram respostas breves relacionadas a esses fatores determinantes da escolha pela Represa Municipal de São José do Rio Preto:

“Eu gosto da Represa, particularmente por causa da quantidade de pessoas que vêm. Ela simula ser um lugar bem gostoso de você praticar algum esporte. Está sempre em contato com algumas pessoas amigas, além de fazer novas amizades de tanto ver todos os dias” (Entrevistado 19).

“É um local assim, agradável! Nossos amigos estão aqui! Nós já marcamos tudo aqui: corridas, festas e alguns churrascos e outras comemorações” (Entrevistada 20).

“Primeiro, por causa da localidade. E aqui é o melhor lugar para correr; o espaço é legal, tem várias pessoas diferentes” (Entrevistado 21).

“A Represa é muito linda, tem uma energia boa, está todo mundo correndo. Uma passa correndo perto de você; daqui a pouco passa outro e, assim, vamos nos conhecendo e trocando energia. E assim vamos falando: Oi, você está aqui hoje! Oi, quanto tempo! Isso faz você ficar com mais força ainda de continuar o treino” (Entrevistada 25).

“Aqui parece que está todo muito contaminado com a corrida. Nós somos privilegiados, porque Rio Preto tem uma estrutura muito boa” (Entrevistada 28).

Ficou evidente que a possibilidade de ampliar o contato social, de interagir, de compartilhar momentos entre os demais corredores, reforça a prática da corrida de rua. Além de demonstrar que a corrida de rua é um veículo de ligação entre os sujeitos. Segundo Dallari (2009), a grande maioria dos corredores de rua são motivados pelo convívio obtido na prática com outros corredores. Neste contexto, percebemos o potencial da corrida de rua como uma atividade que é compartilhada entre os indivíduos.

Ao percebermos o valor e a relevância atribuída pelos corredores aos fatores sociais, podemos identificar alguns valores compartilhados, tais como: amizade, companheirismo e solidariedade, que são vivenciados em torno de uma manifestação cultural como a corrida. Tais valores contribuem para o desenvolvimento pessoal e social dos corredores e coexistem com valores predominantes na sociedade capitalista, como a competição e o individualismo. Sendo assim, a corrida de rua pode ser uma resposta para a minimização das barreiras inter e intraclasses. Ao considerarmos as barreiras sociais relacionadas aos fatores econômicos, de gênero, faixa etária, estereótipo, evidenciamos tanto o lago II quanto o lago III como um cenário que rompe com essas barreiras.

Ao nos reportarmos à sociabilidade, principalmente quando acompanhamos alguns grupos de corrida¹⁶, observamos a participação desses corredores nos eventos de corrida de rua. Como segue na foto abaixo.

¹⁶ Pessoas que correm juntas algumas vezes por semana nas equipes e assessorias esportivas

Figura 12: Grupo de corrida



Fonte: Elizene Dantas

Em nossa terceira questão (“Quais os significados da corrida de rua para você?”), os entrevistados demonstraram certo posicionamento diante das referências que circulam em nosso meio sobre valores, crenças, atitudes, motivos e aspirações. A partir da análise de dados, consideramos a atribuição, por parte dos corredores, de valores e significados muito mais sociais do que a prática da atividade física em si.

“Ah, significa tudo (risos). Sem a corrida de rua, não sei o que eu seria. Eu acostumei e, olha, é difícil eu parar. Só se eu estiver machucado” (Entrevistado 18).

“A corrida foi assim: eu sempre gostei muito de fazer exercícios, embora eu não tenha um corpo atlético, pois sou um pouco sedentária. Mas ela é, assim, uma atividade que me desestressa. Pra mim, que sou uma profissional que trabalha o tempo todo com problemas, me ajuda a desestressar. A corrida tem esse papel na minha vida: de fazer com que, de vez em quando, eu esteja entre amigos. Eu foco mais nisso, estar entre amigos, do que só praticar o exercício” (Entrevistada 29).

“Ah, é qualidade de vida, é o relacionamento com outras pessoas, conhecer lugares novos, viajar, pois participo de eventos em outras cidades, é isso” (Entrevistado 14).

“Nossa... a corrida pra mim é tudo! Eu falo que é um pedaço do meu corpo, é como se tirasse o seu braço; você iria ficar sem um pedaço, né? Então, a corrida funciona assim pra mim. Foi muito importante a corrida pra mim. Quando eu comecei a correr, eu nunca imaginei que fosse tão bom. Aqui eu fui descobrindo a corrida. No começo era muito difícil, pois eu não tinha condicionamento. Mas como eu sou muito determinada e

disciplinada, então eu fui até que eu corri cem metros, quando eu corri um quilometro eu falei: gente que coisa maravilhosa! Aí, depois eu comecei a participar de provas em eventos e isso foi me contaminando. A corrida modificou minha vida, correr me faz uma pessoa muito melhor. Eu tive problema de menopausa e com a corrida eu superei esses momentos difíceis de menopausa. Eu superei momentos de depressão, não que eu seja uma pessoa deprimida, mas eu tive momentos depressivos e eu superei com a corrida. As vezes eu não tinha força para levantar da cama, mas eu levantava, vinha até aqui e corria.” (Entrevistada 2).

“É quase uma religião, eu costumo dizer. É onde eu medito! Eu estou correndo e estou colocando meus pensamentos em ordem, estou me organizando, pensando no meu trabalho, como que eu vou fazer. Eu organizo todos meus pensamentos enquanto estou correndo. Eu acho que praticamente é uma meditação. Além disso, estou sempre revendo os amigos, me divirto com essa situação e também acabo descansando de um dia pesado” (Entrevistado 31).

Percebemos que o entrevistado 31, embora na sua fala diga que é o momento de meditação, o mesmo finaliza a frase ressaltando a importância de rever os amigos, de estar se divertindo e descansando após a jornada de trabalho. Sendo assim, esse cenário nos mostra a evidência dos Ds do lazer. De acordo com Marcellino (2004), o divertimento, o descanso e o desenvolvimento pessoal e social, sendo que esses valores podem ser entendidos como uma forma de equilibrar os sujeitos na vida social, tendo um caráter compensatório (Dumazedier, 1980) ou em sentido de transformação social (Marcellino, 2004). Os entrevistados não se referem à corrida de rua como desenvolvimento pessoal e social, mas isso está presente no conjunto de suas falas ao se referirem aos valores construídos a partir da corrida de rua, tornando explícito o sentido de transformação social. No entanto, podemos notar que essa atividade do contexto do lazer para os entrevistados é também compensatória, apresentando-se como uma válvula de escape.

Evidenciamos outro significado atribuído à corrida de rua: a sociabilidade, os grupos de corrida, as redes sociais, as trocas de experiências, que mostram que há possibilidades de interação entre os corredores da Represa Municipal de São José do Rio Preto. Ao mesmo tempo em que os corredores estabelecem a interação entre os mesmos, preservam a sua identidade. Pudemos observar esses fatores pelo modo de se vestirem, pela maneira de correrem e pelas atitudes dos mesmos durante a corrida.

Neste contexto, aproxima-se do conceito funcionalista do lazer, sendo comum as pessoas fazerem essa relação. Uma vez que, com a rotina desgastante do trabalho, as pessoas buscam vivenciar atividades que proporcionam o descanso e o divertimento.

Todas essas respostas nos trouxeram dados para traçarmos um panorama sobre o interesse social do lazer. Nota-se que o convívio com diferentes grupos e a troca de experiências são evidentes em relação aos significados atribuídos à corrida de rua. Além disso, a corrida de rua é um dos principais meios de identificação coletiva na sociedade, uma fonte de significados. Essa questão da sociabilidade cabe bem na justificativa da entrevistada 5: “Me sinto acolhida aqui na Represa, estar entre pessoas que também compartilham da mesma prática que eu, me faz bem, corro para estar entre amigos”. Compreender a cultura de um povo, ou, no nosso caso, dos corredores da Represa Municipal de São José do Rio Preto, expõe a normalidade sem tornar a particularidade obscura (GEERTZ, 1989). Consideramos que a corrida de rua promove paixão, faz parte da cultura de um povo que se expressa por meio da prática. Os corredores são como que “contaminados” pela prática da corrida de rua. Além disso, a corrida

demonstra ser um dos principais meios de identificação coletiva na contemporaneidade e se apresenta como uma fonte de significados.

Podemos afirmar que a corrida de rua promove possibilidades de desenvolvimento individual e social na vivência do lazer, uma vez que estão intrinsicamente ligados diferentes conteúdos culturais do lazer. Temos como exemplo, nas citações anteriores, o interesse social, o interesse turístico e o interesse físico do lazer. Isso nos mostra como os conteúdos culturais do lazer estão interligados, e como o interesse social está intimamente interligado ao conteúdo físico.

Marcellino (2004) ressalta a possibilidade de vivenciar o lazer envolvendo mais de um ou vários interesses simultaneamente. A distinção é estabelecida em relação à predominância e à subjetividade, o que se torna evidente uma das principais características do lazer, a opção.

Como respostas à pergunta “por que você optou por praticar a corrida de rua?”, praticamente todos os sujeitos responderam somente dizendo que é o esporte de que mais gostam e que mais despertou interesse. Com exceção de três entrevistados, 14, 30 e 37, os quais complementaram a resposta dizendo que a corrida é um esporte que representa a superação (14), é uma prática para poder emagrecer (30), e o entrevistado 37 afirmou que a corrida é um esporte de baixo custo.

“Me interessei, a princípio, pela corrida, por não conseguir caminhar mais 200 metros sem me cansar, como eu era fumante, decidi trocar o cigarro pela corrida. Pra mim, a escolha foi superação” (Entrevistado 14).

“No meu caso, eu optei por praticar a corrida de rua para poder emagrecer, pois todos falavam o quanto era rápido o resultado. Então, eu quis traçar um objetivo de perda de peso e superar meus limites” (Entrevistado 30).

“Ah, a corrida de rua é um esporte mais barato; você tem que ter apenas um tênis, colocar uma bermuda, uma roupa leve. Escolhi a corrida de rua por não ser um esporte tão caro” (Entrevistado 37).

Estas duas primeiras falas em destaque começaram a nos revelar o interesse dos corredores referente à saúde, ao físico, ao fazer bem para o corpo, o que nos reporta ao discurso de que a prática do esporte faz bem à saúde. Murakami (2010) afirma que a corrida, quando bem praticada, é uma das atividades mais completas em benefícios para a saúde.

A última fala nos revelou a corrida como sendo um esporte de baixo custo que mesmo as pessoas que não são de uma classe econômica alta podem vivenciar. De acordo com Vanucci (2012), a corrida de rua vem se apresentando como uma modalidade popular, por ser uma prática democrática, de baixo custo e de fácil adaptação.

Chegamos à conclusão que a corrida de rua é uma prática democrática¹⁷, dizemos isso ao considerar que a corrida é acessível a todos que tem interesse em praticá-la, independente de classe social, gênero e idade. Observamos o empresário correndo na Represa e conversando com o servente de obras, ambos trocando experiências. Além disso, não existe idade mínima ou máxima para a prática. Desta forma, a interação de grupos de pessoas com diferentes idades, gêneros e classes sociais, que se manifesta na corrida de rua, tem relação com o sentido de democracia, já que a prática da corrida de rua favorece a liberdade de expressão das pessoas e de participação delas na vida

¹⁷ De acordo com Hobsbawn (2007), a democracia parte de princípios que protegem a liberdade humana e baseia-se no governo da maioria, associado aos direitos individuais e das minorias. Além disso, uma das principais funções da democracia é a proteção dos direitos humanos fundamentais, como a liberdade de expressão, de religião, a proteção legal, e as oportunidades de participação na vida política, econômica, e cultural da sociedade. Os cidadãos têm os direitos expressos, e os deveres de participar no sistema político que vai proteger seus direitos e sua liberdade.

cultural da sociedade, contribuindo para a quebra das barreiras sociais do lazer (intra e interclasses sociais), presentes em diversas atividades vivenciadas no tempo disponível. Assim, a corrida de rua pode ser pensada como uma forma de se exercer a cidadania a partir de uma atividade do contexto do lazer.

Sobre a pergunta “há quanto tempo corre?”, obtivemos diferentes respostas. Oito entrevistados responderam que correm há dois anos. Sete entrevistados responderam que correm há três anos. Nove entrevistados responderam que correm há quatro anos. Treze entrevistados responderam que correm há cinco anos. Um entrevistado respondeu que o faz há oito anos e, por fim, dois entrevistados responderam que há dez anos. Isso demonstra um comprometimento da maioria dos entrevistados com a corrida de rua.

Sobre a questão “você participa frequentemente de eventos de corrida?”, a maioria dos entrevistados disse que participa frequentemente de eventos de corrida¹⁸. Exceto os entrevistados 06, 08, 12, 22, 28 e 40, que responderam que não participam de eventos. Notamos que mesmo o entrevistado 06, sendo assistido por uma assessoria esportiva, não participa de eventos.

Alguns dos entrevistados falaram sobre a emoção em participar do evento e que gostam da competição. Este foi o caso dos entrevistados 13, 17 e 35.

“Na verdade, eu sempre gostei muito de esporte e estar alí no evento me traz uma ansiedade boa, uma vontade de vencer. E a sensação de estar competindo, na maioria das vezes, com meu próprio tempo, é maravilhosa” (Entrevistado 13).

“Participar de eventos com meus amigos é o que me estimula para continuar correndo. Eu gosto de competir com eles” (Entrevistado 17).

“Quando eu participo dos eventos de corrida de rua que, pelas minhas contas, são uns dois por mês, eu gosto de participar para

¹⁸ Os objetivos dos eventos de corrida de rua são variados, podendo ser sociais, institucionais, promocionais e mercadológicos.

competir, baixar meu tempo e melhorar nem que seja por um segundo. Esses momentos me trazem uma satisfação pessoal” (Entrevistado 35).

Esses corredores se aproximam do objetivo da competição com foco na performance e na vitória. De acordo com Origuela (2015, p.119), “fala-se em competição em oposição às atividades recreativas, como se, no tempo disponível, só pudéssemos realizar jogos ou atividades cooperativas.” A autora ainda ressalta que, principalmente quando falamos em esporte, seja ele na forma recreativa ou de rendimento, a competição está relacionada e proporciona prazer.

Figura 13: Evento de corrida de rua Lago III



Fonte: Letícia Masson

Na questão “quando você pratica a corrida de rua é acompanhado(a) por outra pessoa ou empresa?”, apenas dois entrevistados no lago II responderam que contrataram assessoria esportiva, mas correm sozinhos. Em relação a correr acompanhado por outra pessoa, apenas três dos vinte entrevistados responderam correr acompanhado por outra pessoa, no caso relacionaram correr entre amigos, mas não com certa frequência. Às vezes aos fins de semana.

No lago III, obtivemos um resultado significativo de corredores que contrataram assessoria esportiva: dos vinte entrevistados, dez responderam sim.

Os entrevistados 06, 07, 15 e 17 disseram que correm sempre acompanhados por um amigo.

“Eu gosto de correr com outra pessoa, pois um vai dando força para o outro. E, quando vemos, já corremos dez quilômetros. Diariamente trocamos mensagens e vídeos com dicas de treinos e até excursões para todo Brasil.” (Entrevistado 06).

“Não gosto de correr sozinho, o percurso fica maior quando estou só, o único lado ruim, é que quando um não vai, o outro também não.” (Entrevistado 07).

“Eu gosto de correr com meus amigos. È nosso momento e, há anos, fazemos isso. Então, sempre corremos juntos. Os treinos ficam mais leves.” (Entrevistado 15).

“Quando acordo, sábado cedinho, ligo para meus amigos de corrida, e combinamos alí, na hora, mas, como sempre fazemos isso, nos programamos para corrermos juntos.” (Entrevistado 17).

As falas dos entrevistados acima demonstraram um interesse na sociabilidade e o objetivo de estar correndo. Demonstraram o interesse no conteúdo físico do lazer, evidenciando, porém, o interesse social. Isso porque ambos relataram a questão da amizade. Romanini (2009) acredita que a possibilidade de relacionar o exercício físico à ampliação do círculo de amizades, ajuda a explicar o grande número de adeptos aos grupos de corrida de rua na contemporaneidade. Além do mais, o interesse turístico também esteve presente na fala do entrevistado 06, quando o mesmo cita o interesse por excursões por todo o Brasil. A troca de mensagens evidenciou a presença do virtual no ciclo de amizade entre os corredores.

Notamos que, durante os treinos, esses corredores fazem uso de camisetas das assessorias esportivas, meias de compressão e tênis das mais variadas marcas. Essa relação do consumo de produtos e um maior número de corredores com assessorias esportivas que encontramos, foi identificado no lago

III. Toda a extensão do lago é preenchida por assessorias esportivas. Foi possível compreendermos que o consumo de produtos pelos corredores tem um significado de fazer parte de um grupo.

No caso desses corredores, vemos a aproximação com alguns grupos destacados por Magnani (1992), em sua pesquisa com as Tribos Urbanas, os quais comentam sobre esse fenômeno dos sujeitos se agruparem, pertencerem a um grupo e criarem uma identidade. Dessa forma, cada grupo possui uma estrutura interna, desenvolvendo sua própria “subcultura¹⁹ social urbana”. Os corredores sentem que pertencem a um grupo. Em suas falas, citaram que fazer parte desses grupos é a motivação para vivenciarem a corrida de rua.

Figura 14: Assessorias Esportivas Lago III



Fonte: Letícia Masson

A figura acima foi tirada em um sábado de manhã. Notamos que, além dos corredores, há um grupo de ciclistas que também compartilha do mesmo

¹⁹ De acordo com Magnani (2007), subcultura são grupos formados nas cidades, mas comumente nas metrópoles, os quais compartilham hábitos, valores culturais, estilos musicais e ideologias políticas semelhantes.

espaço para vivenciar as práticas corporais. O consumo de assessorios demonstrou ser uma forma de identificação dos corredores como um grupo.

Sobre a questão “o que é lazer para você?”, obtivemos respostas semelhantes. A grande maioria dos entrevistados relaciona o lazer como uma forma de descanso, diversão, estar entre amigos e familiares e correr.

“Vixi, antigamente era passear, estar com a família, passear com o filho, descansar, tive essa fase. Agora, hoje, o filho já foi embora. Então, hoje, lazer para mim, está sendo correr, viu, filha! Meu lazer é correr, é participar das provas. Hoje meu lazer está em função da corrida” (Entrevistada 02).

“Pelo fato de ser casado, ter filhas, meu lazer é me divertir com minhas filhas. Às vezes, eu gosto de andar de skate com elas” (Entrevistado 03).

“A corrida é o meu lazer. Lazer para mim é isso: estar correndo” (Entrevistado 17).

“Lazer é descansar! A corrida, por exemplo, é o meu lazer. Eu pratico a corrida como algo para minha satisfação pessoal. Vir aqui e conversar com outras pessoas, estar entre amigos, estar junto, esse é o meu lazer” (Entrevistado 18).

“Lazer é fazer uma coisa sem compromisso, é me divertir sem hora marcada e descansar quando eu preciso” (Entrevistado 19).

“Lazer é liberdade, é qualidade de vida, é me divertir, estar entre amigos e com minha família” (Entrevistada 26).

“A corrida é meu lazer; me sinto muito bem correndo” (Entrevistado 35).

Os entrevistados se apropriam do conceito de lazer de forma coerente ao debate acadêmico. Notamos a relação do descanso e do divertimento nas falas dos entrevistados, sendo que o desenvolvimento pessoal e social pode ser identificado no conjunto de suas falas durante as entrevistas.

Podemos notar que, na maioria das falas, sempre incluem o lazer ligado ao interesse social. Isso demonstra que, além da Represa ser um espaço

para realizar as práticas corporais, os corredores compreendem que a Represa proporciona um espaço de escolha para o encontro entre amigos.

Em nossa última pergunta (“gostaria de complementar alguma das respostas?”) tivemos como resposta “Não” de todos os entrevistados.

A partir do conjunto das falas dos entrevistados, ficou evidente que o interesse social é predominante na corrida de rua, o que contribui para desenvolvimento pessoal e social, relacionando a produção de valores como amizade, companheirismo e solidariedade, que coexistem com os valores que predominam na sociedade atual, o individualismo e a competição. Isso leva à quebra de barreiras inter e intraclasses. Diferentes grupos sociais compartilham o mesmo espaço físico e a mesma prática corporal. Temos, como exemplo, médicos, profissionais de Educação Física, mestre de obras, vendedores, dentistas, motoboys, entre outros profissionais que se relacionam a partir da corrida de rua. Podemos evidenciar a interação entre homens e mulheres de diferentes faixas etárias e diferentes etnias, sendo que podemos identificar que a corrida de rua é uma prática democrática, pela diversidade de sujeitos que participam da mesma e interagem entre si.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A corrida, sem dúvida, é um fenômeno cultural na contemporaneidade. Está em destaque por ser praticada, assistida e discutida em diferentes segmentos. É vivenciada o tempo todo por corredores que a praticam sozinhos ou em grupos, como forma de competição com o próprio tempo, ou, até mesmo, como atividade do contexto do lazer. A maioria dos estudos sobre a corrida de rua que encontramos se distancia do referencial sociocultural. No entanto, neste trabalho, destacamos a corrida de rua como cultura vivenciada no tempo disponível dos corredores.

Nossa pesquisa de campo aconteceu na Represa Municipal de São José do Rio Preto/SP; observamos especificamente os corredores da Represa do lago II e lago III. A Represa Municipal de São José do Rio Preto tem se mostrado como uma das opções de espaços de lazer da cidade, que possibilita a vivência dos diferentes interesses dos conteúdos culturais do lazer. Ao analisarmos as respostas dos entrevistados, ficou evidente o interesse social pela prática da corrida de rua.

Tivemos como principal objetivo identificar e analisar os significados da corrida de rua para os frequentadores da Represa. Para esta análise, evidenciamos o comportamento dos corredores como forma de interpretação dos significados que os corredores atribuem à corrida de rua. Além disso, a pesquisa corroborou a evidência de que a Represa é um espaço de lazer que possibilita a interação entre os indivíduos, pelos treinos diários, conversas em grupos de corridas e eventos. As evidências foram confirmadas por meio das observações e

experiências compartilhadas, a partir da nossa convivência e interação com os corredores da Represa Municipal de São José do Rio Preto.

Nas observações, pudemos notar a interação dos sujeitos em diferentes níveis sociais, gêneros e faixa etária. Evidenciando assim, a quebra de barreiras inter e intraclasses sociais. O retrato dos dois lagos analisados na totalidade dos instrumentos é semelhante na atribuição dos significados que os sujeitos atribuem à corrida de rua. Não pudemos deixar de notar que a corrida de rua reúne um grande número de corredores em eventos, sendo necessário para a realização desses eventos o uso de espaços públicos, como as ruas urbanas.

Com relação à contratação das assessorias esportivas, notamos que, no lago III, há uma presença mais efetiva de corredores que são orientados por assessorias esportivas. A partir das observações que realizamos nesse estudo, entendemos que a busca por diversão e descanso está relacionada à conceituação do lazer pelos corredores. Os significados atribuídos à corrida de rua são baseados em: estar entre amigos, interagir com outros corredores, conhecer novos lugares, descansar, divertir, poder emagrecer, ter uma melhor qualidade de vida e superar-se.

Ao analisarmos as observações e interpretarmos as falas dos corredores entrevistados, pudemos fazer algumas aproximações com pesquisas relacionadas à corrida de rua, a partir do referencial sociocultural. Dessa maneira, os significados atribuídos à corrida de rua se diferenciam a partir dos princípios da ação dos corredores.

Com relação ao consumo de acessórios esportivos usados pelos corredores, notamos que, por mais que haja corredores consumidores desses acessórios, os valores relacionados à corrida de rua ultrapassam o consumo

desses produtos como mera mercadoria. A corrida de rua, para os corredores da Represa Municipal de São José do Rio Preto, é uma prática que faz parte da vida dos corredores, que é marcada por valores sociais. É interessante notar, nesta pesquisa, a forma como os corredores se vestem. Não há uma obrigação da apropriação de camisetas específicas de corrida, mas usar a camiseta que evidencia a participação em eventos e pertencimento a um grupo faz toda a diferença para esses corredores.

Dessa forma, esta pesquisa pode contribuir para o campo do lazer, demonstrando que existe uma atribuição de valores e significados pelos corredores à corrida de rua. Essa produção de valores e significados identificados leva-os ao desenvolvimento pessoal e social, decorrente do convívio com diferentes corredores, da troca de experiências, do companheirismo e da amizade. Assim, a corrida de rua é, sobretudo, uma forma de educação que tem como característica principal nesse estudo ser democrática.

Acreditamos que esta pesquisa pode evidenciar indicadores para futuras ações junto aos frequentadores da Represa Municipal de São José do Rio Preto e de outras localidades, além de futuros estudos sobre o tema.

Por fim, este estudo pode contribuir para os pesquisadores entenderem melhor este fenômeno sociocultural, que é a corrida de rua e suas implicações na contemporaneidade.

**O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de
Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES – Brasil.**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS*

BETTI, M. **Esporte, entretenimento e mídias**: implicações para uma política de esporte e lazer. Impulso, Piracicaba, v.16, n.39, p.83-89, 2005.

BICKEL, E. A. et al. Esporte e Sociedade: a construção de valores na prática esportiva em projetos sociais. **Revista Digital EFDeportes**, Buenos Aires, n.171, 2012.

BRACHT, V. **A constituição das teorias pedagógicas da educação física**. Cad. CEDES. v.19, n.48, 1999, p. 69-88.

BRUYNE *et al.* **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais**. 3ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

Constituição Federal. **Ementa nº 64. 2010**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc64.htm>. Acesso em: 17 ago. 2015.

CAMARGO, L.O. de L. **O que é lazer**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

CASPERSEN, C.J. Powell, K.E. & Cristensen, G. M. **Physical activity, exercise, and physical fitness: definitions and distinctions for health-related reseach**. Public Health Reports, 1985.

DALLARI, M. M. **Corrida de rua**: Um fenômeno sociocultural contemporâneo. São Paulo, 2009.

DAOLIO, J. **Da Cultura do Corpo**. Campinas, SP: Papirus, 1994.

DESCARTES, R. **Discurso do método**. Brasília: UnB, 1971.

DUARTE JÚNIOR, J. F. D. O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível. **Tese** (Doutorado em Educação. Faculdade de Educação da Unicamp, 2000.

* Baseadas na norma NBR 6023, de 2002, da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

DUARTE, R. **Pesquisa qualitativa**: reflexões sobre o trabalho de campo. Caderno de pesquisa. n. 115, 2002, p. 139-154.

DUMAZEDIER, J. **Questionamento teórico do lazer**. Rio Grande do Sul: Celar/PUCRS, 1972.

_____. **Valores e conteúdos culturais do lazer**. São Paulo: Sesc, 1980.

ELIAS, N. & DUNNIG E. **A Busca da Excitação**. Lisboa, Difel, 1992.

FALEIROS, M. I, L. **Repensando o lazer**. Perspectiva, São Paulo, n.3 1980.

FERREIRA, R.A. Formação profissional para a atuação em lazer: produção acadêmica no período de 2005 a 2009. **Dissertação** (Mestrado em Educação Física). Piracicaba: Universidade Metodista de Piracicaba, 2011.

_____. Lazer e cultura: A Atuação do Profissional de Educação Física. **Licere**, Belo Horizonte, v.16, n.2, jun. 2013.

FONSECA, T. Z. Corrida de rua: O Aumento do Número de Praticantes Migrando para Maratonas. **Revista Digital EFDeportes**, Buenos Aires, n.164, 2012.

FRAGA, E.A.M & LOPES DA SILVA, C. Comunidades virtuais de internet: atualização do debate sobre lazer. **Licere**, Belo Horizonte, v.13, n.4, dez. 2010.

FRANCO, K. N. Comparação de Fatores Motivacionais de Corredores de Rua de Equipes e Individuais. **Dissertação** (Mestrado em Educação Física). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2010.

FREHSE, F. Usos da rua. In: Fortuna, Carlos & Leite, Rogerio P. (orgs.). **Plural de cidade**. Coimbra: CES/Almedina, p. 151-170, 2009.

FÚGOLI JÚNIOR, H. **Espaços públicos e interação social**. Marco zero, São Paulo, 1995.

GAEZLER, L. **Ensaio à liberdade**: uma introdução ao estudo da educação para o tempo livre. D. C. Luzzatto: Porto Alegre, 1985.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas em pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2002.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOMES, C. L. **Lazer e descanso**. Seminário Lazer em debate. São Paulo: USP, 2008. Disponível em <<http://www.uspleste.usp.br/eventos/lazer>> Acesso em: 17 abr. 2016, p.1-15.

GOMES, C.; OSORIO, E.; PINTO, L.; ELIZALDE, R. (Org.) (2009). **Lazer na América Latina/Tiempo libre, ocio y recreación en Latinoamérica**. Belo Horizonte, Brasil, Editora UFMG.

ISAYAMA, H. F. Recreação e Lazer como integrantes de currículos dos cursos de graduação em Educação Física. **Tese** (Doutorado em Educação Física). Campinas: Faculdade de Educação Física da Unicamp, 2002.

_____. Reflexões sobre os Conteúdos Físicosportivos e as Vivências de Lazer. In: MARCELLINO, N. C. (org.). **Lazer e cultura**. Campinas: Editora Alínea, 2007.

LAFARGUE, P. **O direito à preguiça**. Lisboa, Estampa, 2000.

LAZZAROTTI, A. F.; SILVA, A. M.; ANTUNES, P. C.; SILVA, A. P. S.; LEITE, J. O. O termo práticas corporais na literatura científica brasileira e sua repercussão no campo da Educação Física. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v.16 n.1, 2010, p.11-29. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/viewArticle/9000>>. Acesso em: 20 abr. 2016.

LOPES DA SILVA, C. A “mediação” das práticas corporais: significados da musculação para frequentadores de um parque público. **Dissertação** (Mestrado em Educação Física). Campinas: Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas; 2003.

LOPES DA SILVA, C.; VELOZO, E. L; JUNIOR, R. J.C. Pesquisa qualitativa em educação física: possibilidades de construção de conhecimento a partir do referencial cultural. **Educação em Revista**, n.48, Belo Horizonte, 2008, p. 37-60.

LOPES DA SILVA, C.; VELOZO, E. L. **Lazer, práticas corporais e cultura**. Várzea Paulista, São Paulo: Fontoura, 2015.

MACEDO, C.C. Algumas Observações sobre a Questão da Cultura do Povo. In: VALLE, E.; QUEIROZ, J. (Org). **A Cultura do Povo**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1984.

MAGNANI, J. G. C. "Tribos urbanas: metáfora ou categoria?". Cadernos de Campo. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v.2, n.2, 1992, p. 48 – 51.

_____. J. G. C. A rua e a evolução da ociabilidade. **Cadernos de História de São Paulo**, São Paulo, v.2, Jan/Dez, 1993, p. 45-54.

_____. J.G.C. Rua, símbolo e suporte da experiência urbana. **Cadernos de História de São Paulo**, São Paulo, v.2, jan/dez 1993, p. 1-14.

_____. **O lazer na cidade**. Texto apresentado ao Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico para fundamentar o processo de tombamento do Parque do Povo. São Paulo, 4 de julho de 1994. Disponível em: <<http://www.n-a-u.org/Magnanilazer.html>>. Acesso em: 19 set. 2015.

_____. **Na metrópole: textos de antropologia urbana**. São Paulo, Edusp/Fapesp, 2000.

_____. **Festa no Pedaco**: cultura popular e lazer na cidade .3 ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2003.

_____. J.G.C. (Org.); SOUZA, Bruna Mantese de (Org.). **Jovens na Metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade**. São Paulo: Ed. Terceiro Nome, 2007.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e humanização**. Campinas, SP: Papyrus, 1983.

_____. **Para tirar os pés do chão**: corrida e associativismo. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. **Estudos do lazer**: Uma Introdução. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2002.

_____. **Lazer e educação**. 11. ed. Campinas: Papyrus, 2004.

_____. **Lazer e recreação**: repertório de atividades por ambientes. Campinas: Papirus, 2007.

_____. Lazer e cultura: algumas aproximações. In: _____.(org.). **Lazer e cultura**. Campinas: Editora Alínea, 2007.

MARTINS, L. F. Educação física, lazer e cultura: os sentidos presentes no contexto escolar. **Dissertação** (Mestrado em Educação Física). Universidade estadual de Londrina, 2010.

MINAYO, M. C. Ciência, técnica e arte: o desafio da Pesquisa Social. In: _____. (Org.) **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, p. 09-30, 2001.

MURAKAMI, H. **Do que eu falo quando falo de corrida**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

NEWSHOLME, E. **Corrida: ciência do treinamento e desempenho**. São Paulo: Phorte Editora, 2006.

NOGUEIRA, E. MOTTA, P.C. A corrida de rua como experiência de lazer para pessoas de mais idade: Um estudo qualitativo no Rio de Janeiro. **Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão**, Lisboa, v. 13, n. 3, 2014, p. 1-11.

ORIGUELA, A.M. Clube, futebol e lazer: as dinâmicas culturais de um campeonato de futebol amador na cidade de Piracicaba/SP. **Tese** (Doutorado em Ciência do Movimento Humano). Universidade Metodista de Piracicaba, 2015.

PORTAL SÃO SILVESTRE. **Corrida Internacional de São Silvestre**. Disponível em: <http://www.saosilvestre.com.br/noticias/>. Acesso em: 09 jan. 2016.

PORTAL RIO PRETO. **Represa Municipal**. Disponível em http://www.riopreto.sp.gov.br/PortalGOV/do/subportais_Show?c=225. Acesso em 23 dez. 2015

REQUIXA, R. **Sugestão de diretrizes para uma política nacional de lazer**. São Paulo: SESC, 1980.

ROMANINI, C. **Correr é fazer amigos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

RUNNER'S WORLD. **Corredor de Rua**. Disponível em:
<<http://www.corredores.com.br> >. Acesso em: 27 fev. 2015.

SANTOS, J. L. **O que é cultura?** 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SCHWARTZ, G.M. **O conteúdo virtual do lazer**: Contemporizando Dumazedier. Licere, v. 2, n. 1, Belo Horizonte, 2003, p. 1-14.

SEGALEN, M. **Ritos e rituais contemporâneos**. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

SEVERINO, A.J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Editora Cortez, 2007.

SILVA, M. R. **Lazer nos clubes sócio recreativos**. São Paulo: Factash Editora, 2009.

SOARES, L. C. **As roupas destinadas aos exercícios físicos e ao esporte: nova sensibilidade , nova educação do corpo (Brasil 1920-1940)**. Pro-Posições, Campinas, v. 22, n. 3 (66), p. 81-96, set./dez. 2011.

STIGGER, M. P. **Esporte, lazer e estilos de vida**: um estudo etnográfico. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução a pesquisa qualitativa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. 1ed. São Paulo: Atlas; 1987.

VANUCCI, L.H.T. **Corrida de rua, cada vez mais nos pés do povo**. A folha de São Paulo. 2012 nov. Disponível em:
<http://www.portaleducacao.com.br/educacaofisica/artigos/20880/corrida-de-rua-cada-vez-mais-nos-pes-do-povo>. Acesso em 10 de set. 2014.

WEINECK, J. **Biologia do esporte**. São Paulo: Manole, 1991.

WERNECK, C.L.G. Recreação e lazer: Apontamentos históricos no contexto da educação física. In: WERNECK, C. L. G.; ISAYAMA, H.F. (Org.). **Lazer, recreação e educação física**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p. 15-56, 2003.